

OLHARES NEGROS QUIRINO

a luz negra que ilumina a escola pública

Janaína Farias de Souza Ferreira

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Artes

Janaína Farias de Souza Ferreira

OLHARES NEGROS QUIRINO
a luz negra que ilumina a escola pública

Texto apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP, no programa de Mestrado Profissional em Artes - Prof-Artes, como trabalho final resultante de processos de criação artística, requisito para obtenção do título de mestre.

orientação
Profa. Drª. Rejane Galvão Coutinho.

São Paulo
2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

F383o Ferreira, Janaína Farias de Souza, 1979-
Olhares negros quirino : a luz negra que ilumina a escola pública / Janaína Farias de Souza Ferreira. -- São Paulo, 2023.
172 f. : il. color.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Rejane Galvão Coutinho.
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes.

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Criação (Literária, artística, etc.). 3. Arte e fotografia. 4. Negros - Identidade racial. 5. Descolonização. I. Coutinho, Rejane Galvão. II.Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707.1

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

Janaína Farias de Souza Ferreira

OLHARES NEGROS QUIRINO
a luz negra que ilumina a escola pública

Texto apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP, no programa de Mestrado Profissional em Artes - Prof-Artes, como trabalho final resultante de processos de criação artística, requisito para obtenção do título de mestre.
Texto aprovado em: 05/05/2023.

Banca examinadora:

Profª Drª Rejane Galvão Coutinho
(Instituto de Artes/UNESP - orientadora)

Profª Drª Rita Luciana Bredariolli
(Instituto de Artes/ UNESP)

Profª Drª Priscila Leonel de Medeiros Pereira
(FAAC/UNESP)

Suplentes:

Profª Drª Auana Lameiras Diniz
(GPIHMAE)

Profº Drº Sidney Peterson Ferreira de Lima
(Instituto de Artes/UNESP)

Agradecimentos

Agradeço à todas, todos e todes que vieram antes de mim abrindo caminhos para que hoje esta pesquisa pudesse existir, principalmente às educadoras e educadores que me enxergaram, em especial minha querida e acolhedora orientadora, Rejane Coutinho e à minha banca examinadora, Rita Bredariolli, Priscila Leonel, Auana Diniz e Sidney Peterson.

Às pesquisadoras e pesquisadores que compartilharam essa jornada comigo, tornando o caminho mais leve: Felínio Freitas, Gilvânia Santos, Levi Fernando, Lucas Oliveira, Moacir Simplício, Osvaldo Pinheiro, Raquel Santos, Rodrigo Lopes, Thabata Vecchio e Thiago Nascimento.

À minha mãe Maria Helena, meu pai Luiz Carlos e minhas irmãs Juçara e Juliana, meu companheiro de vida Edgard e meus filhos Breno e Heloísa por darem sentido à minha existência.

Às irmãs e irmão que a vida me deu : Fabiana Munhoz, Gislaine Rosa e Sérgio Tenório por sonharem junto comigo.

À comunidade da EMEIEF Osvaldo Quirino Simões, em especial às mulheres dispostas que lá encontrei: Cláudia Cristina, Camila Aparecida, Elenice Aparecida, Josiane Pereira (Dandara), Marcela Aparecida, Maristela Rezende, Valquíria Pereira e aos pequenos *erês*, Victor e Lucas Dantas.

Resumo

Esta pesquisa, resultante de processos de criação artística elaborados e desenvolvidos no contexto escolar, propõe possibilidades para um ensino de Arte decolonial, trazendo novos olhares a partir das narrativas e de referências fotográficas de mulheres negras presentes na própria escola, deslocando o olhar e construindo diálogos e reflexões que nos permitam repensar nossas práticas e saberes, a fim de valorizar nossas heranças culturais e consequentemente nossos modos de estar/ser no mundo. Embasamos o estudo no método da A/R/Tografia e nas referências de Escrevivência de Conceição Evaristo.

Palavras-Chave: decolonialidade, ensino de Arte, escrevivência, referências fotográficas, educação antirracista.

Resumen

Esta investigación, resultantes de procesos de creación artística, elaborado y desarrollado en el contexto escolar, propone posibilidades para la enseñanza del Arte decolonial, trayendo nuevas miradas desde las narrativas y referentes fotográficos de mujeres negras presentes en la propia escuela, desplazando la mirada y construyendo diálogos y reflexiones que permitan repensar nuestras prácticas y saberes, a fin de poner en valor nuestro acervo cultural y consecuentemente nuestras formas de estar en el mundo. Basamos el estudio en el método A/R/Tografia y en las referencias de la Escritura de Conceição Evaristo.

Palabras clave: decolonialidad, enseñanza del arte, escritura, referencias fotográficas, educación antirracista.

Abstract

This research, resulting from artistic creation processes, elaborated and developed in the school contexto, proposes possibilities for teaching decolonial Art, bringing new perspectives from the narratives and photographic references of black women present in the school itself, shifting the look and building dialogues and reflections that allow us to rethink our practices and knowledge, in order to value our cultural heritage and consequently our ways of being in the world. We based the study on the method of A/R/Tografhy and on the references of Conceição Evaristo´s Writing.

Keywords: decoloniality, art teaching, writing, photographic references, anti-racist education.

Sumário

INTRODUÇÃO~~ 9
Vozes de encantamento~~ 10

PREPARATIVOS DA COSTURA~~ 14

AS IMAGENS~~ 22

A LINHA~~ *55*
Palavras, sementes, imagens e flores~~ 56

A COSTURA~~ 95
Ponto Atrás~~ 96

O SUPORTE~~ 125

Referências Bibliográficas~~ 129

ANEXOS ~~ 133

INTRODUÇÃO PREPARATIVOS DA COSTURA

AS IMAGENS A LINHA A COSTURA O SUPORTE

Introdução: Vozes de Encantamento

"Escrever é uma forma de sangrar"[1]
Conceição Evaristo

Esta pesquisa se constrói na escuta. Escuta de mulheres negras. Mulheres como Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, bell hooks, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Cláudia, Dandara, Valquíria, Marcela, Camila, Maristela, Elenice e tantas outras que, de forma direta ou indireta, ecoam suas vozes em cada uma de nós.

As escutas que geraram a escrita nesta pesquisa dão voz a histórias que têm como maior propósito reivindicar nosso espaço e validar nossas vozes, indo contra o sistema colonial que sistematicamente nos desqualifica.[2]

Para dentro da Universidade e no chão da escola, trouxemos as memórias/histórias e as imagens de mulheres que muitas vezes, são invisibilizadas, e que geraram propostas de ensino-aprendizagem na disciplina de Arte em uma escola pública de ensino fundamental I, da periferia de Osasco, grande São Paulo, na qual atuo como arte-educadora desde 2009, ministrando aulas de Arte para todas as turmas do 1º ao 5º anos, no período da manhã.

Além de propor diálogos dentro e fora da escola, em que o sentido de comunidade e valorização do ser foram fundamentais, trouxemos questões que nos ligam a nossa ancestralidade, como a força da oralidade. De geração em geração, muitos conhecimentos são passados e, pensando em uma educação transformadora, trabalhamos para movimentar diálogos pois, como ouvi de Leda Maria

---

[1] Informação verbal concedida por Conceição Evaristo em entrevista ao canal do youtube "Leituras Brasileiras" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=766s> Acesso em 31/01/2023.

[2] Grada Kilomba discorre sobre esse tema no capítulo 2 - **Quem pode falar?** - do seu livro Memórias da Plantação.

Martins[3], *"o passado não terminou"* e precisamos reivindicar a posição do negro no presente.

Em agosto de 2021, um *banco de imagens*[4] foi criado para que, a partir das fotografias de mulheres negras que fazem parte do "corpo" da escola, desenvolvêssemos atividades em sala de aula.

Durante os ensaios fotográficos, uma relação de intimidade ganhou forma entre mim e as mulheres convidadas para o projeto. No quintal da escola, em uma área com grande espaço gramado, árvores robustas e um parque infantil, foi onde ouvi suas histórias e as fotografei. Tudo gravado em áudio e utilizado para compor os contos que fazem parte de um dos capítulos desta pesquisa. A partir de suas vivências e experiências particulares, costuramos um tecido de investigação em co-autoria, lançando ao mundo vozes, palavras, imagens "para acordar a casa grande".[5]

Vale ressaltar que esse movimento de aproximação, conversa e intimidade, se deu no início da volta às aulas, após um ano e meio de pandemia da COVID 19, momento em que estávamos em quarentena e a escola fechada. Nosso retorno foi feito com todas as restrições e cuidados necessários que aquele momento necessitava, como uso de máscaras, distanciamento social, álcool gel e rodízio de turmas e funcionários na escola. Sob tais recomendações, fizemos as entrevistas e os ensaios fotográficos como um momento de respeito e cuidado a tudo que estava sendo exposto e desvelado sobre suas particularidades, pois foi nesse movimento, de saírem de suas casas/corpos e revelarem muito mais do que suas imagens para além das máscaras impostas pela pandemia, da transparência/opacidade

---

[3] Informação verbal concedida por Leda Maria Martins em conversa com Conceição Evaristo sobre Escrevivência e Oralidade no canal do Youtube do Instituto de Arte Tear . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GMse92ubeXY&t=4612s> Acesso em: 01/02/2023.

[4] As imagens do projeto estão disponíveis na plataforma do Instagram. Disponível em: <@olhares_negros_quirino> Acesso em 03/03/2023.

[5] Palavras de Conceição Evaristo ao se referir sobre o potencial das histórias de mulheres negras, marca registrada na sua escrita.

de suas imagens impressas no tecido, que desenvolvemos a intervenção artística e suas reverberações, que vamos relatar adiante.

Dessa forma, a leitura/escuta dessa pesquisa, pode ser entendida como uma conversa que vai sendo tecida no ato de costurar, uma ação/costura coletiva, ou seja, ela não é acabada e dá "pano pra manga" . Podemos começar por qualquer capítulo/pedaço que pode ser "costurado" conforme seu desejo:

A *PREPARAÇÃO DA COSTURA* parte de vivências particulares, criando vínculos que podem ser estabelecidos com qualquer arte-educador/a, de qualquer escola pública que deseja ou já esteja engajado/a em uma educAÇÃO antirracista e emancipadora, especificamente nas periferias das grandes cidades.

AS *IMAGENS* trazem relatos do início do processo e encantamento pela fotografia como prática artística e os desdobramentos do meu processo criativo, referenciando artistas que ampliam diálogos na construção de uma proposta decolonial no contexto e nas imagens criadas por elas: Aline Mota, Rosana Paulino, Helen Salomão e Renata Felinto, assim como elas nos situam sobre o território do qual estamos falando.

A *LINHA* costura histórias/memórias e imagens de mulheres negras presentes na comunidade escolar, trazendo como metodologia de trabalho, a "escrevivência" criada por Conceição Evaristo.

A *COSTURA* são as reverberações das imagens e as histórias de mulheres negras presentes no espaço escolar que fizeram parte de propostas pedagógicas dentro e fora da escola.

O *SUPORTE* traz o conceito de "corpo-território" do professor Eduardo Miranda e nos convida a continuar refletindo sobre o papel da comunidade escolar no "corpo" da escola, como um todo, entendendo que todos que habitam o chão da escola fazem parte do processo educativo.

.

INTRODUÇÃO PREPARATIVOS DA COSTURA AS IMAGENS A LINHA A COSTURA O SUPORTE



Figura 1 - **Raquel Santos**

“SALdade”

bordado sobre lenço - 35x35 cm - 2022

fonte: acervo particular da artista

Ganhei o nome de Janaína muito antes mesmo de nascer, meu pai dizia, desde que teve a vontade de ter filhos, que, se tivesse uma filha mulher, seria Janaína.

Janaína, na Umbanda, é um dos nomes de Iemanjá, orixá que representa a Rainha do mar, a grande mãe de todas as cabeças, representa a abundância, a união e é fonte de vida, sua função social está na maternidade, é a mãe de todos, a grande mãe. Segundo um itã[6] registrado no livro "Mitologia dos Orixás" de Reginaldo Prandi (2000, p. 382):

> Iemanjá nasceu da união entre Obatalá, o Céu, e Odudua, a Terra. Iemanjá, as águas, teve um filho com o irmão Aganju, a Terra Firme, chamado Orungã.
>
> Orungã nutriu por sua mãe um amor incestuoso e um dia a raptou e estuprou. Desesperada, Iemanjá conseguiu escapar e fugir do filho, que a perseguiu.
>
> Quando Orungã estava prestes a apanhá-la novamente, Iemanjá caiu desfalecida. Segundo Prandi, ao desfalecer, cresceu-lhe desmesuradamente o corpo, como se suas formas se transformassem em vales, montes, serras. De seus seios enormes como duas montanhas nasceram dois rios, que adiante se reuniram numa só lagoa, originando adiante o mar.
>
> Em seguida, o ventre de Iemanjá se rompeu e dele nasceram os orixás: Xangô, o senhor da justiça; Ogum, o orixá da guerra; Oyá, a senhora das tempestades, protetora das mulheres e muitos outros.

[6] itã em iorubá significa lendas.

Meu pai é um homem negro, nascido nos anos 50 em Ipiaú, sul da Bahia. Pouco sabe da história de seus pais, ambos nascidos em Esplanada também no estado da Bahia, na década de 30. Sua história é parecida com muitas histórias que conhecemos: meus avós paternos migraram para São Paulo com seus sete filhos, o caçula, meu pai, para tentarem uma vida melhor. Meu avô, assim que chegou no bairro da Vila Maria, na cidade de São Paulo, "abandonou" minha avó, que, como muitas mães pretas solo, criou seus filhos e sobreviveu até seus 90 anos. Por essa razão, não conheço muito sobre meu avô paterno, além dessa história de abandono e muita mágoa carregada por minha avó durante toda a sua vida. Tenho uma cópia colorida de uma fotografia do meu avô, então guardada por um dos irmãos do meu pai, que manteve contato com ele, após a sua separação. Meu pai nunca quis estabelecer vínculo e, portanto, eu e minhas irmãs, nunca o conhecemos.

Minha mãe é descendente de italianos. Ela se separou do meu pai quando eu tinha seis anos de idade, pouco pude conviver com ele também. Hoje, lamento muito não ter tido a oportunidade de conviver mais de perto com minha ascendência negra.

Buscando por minha história, tenho muito o que contar sobre meus antepassados maternos, pois minha mãe possui documentos, fotos e um vínculo mais próximo com minhas tias, tios, primas e primos, que sempre cultivam nossa história familiar. Porém, sinto um grande "abismo" ao olhar parte da minha história da qual justamente não consigo muitas informações, não só por motivos de separações, mas principalmente porque não há registros e sim, rastros de silenciamentos. O jornalista Laurentino Gomes em seu livro *Escravidão*,[7] volume I, nos lembra de um ditado africano que diz que

[7] O jornalista Laurentino Gomes escreveu a trilogia de livros-reportagem sobre a história da Escravidão no Brasil, resultado de seis anos de pesquisa e observações.

“até o leão aprender a escrever, a história exaltará a versão do caçador”. O caçador/colonizador apagou/destruiu/distorceu os registros/marcas da população negra que construiu a história da população brasileira, para além da escravidão, sendo a memória, o nosso único bem que não conseguiram nos tirar.

Por isso, tenho a memória do meu pai, que carrega consigo, seu vínculo ancestral e, portanto, ter sido escolhida para ser sua Janaína, me torna parte do que considero minha história preta.

Comecei a me entender como negra há alguns anos. Na verdade, também nunca me vi como branca e sempre procurava um termo que pudesse dizer quem eu era: “café com leite” , cabelo de “burro quando foge”, porque não era nem isso, nem aquilo. Apesar de ter convivido com minha avó paterna, minha avó preta, que sempre foi acolhedora e trazia em seu sotaque baiano, nas suas histórias e na culinária, grande parte do conhecimento ancestral de minha origem africana, mesmo com essa convivência, ainda havia dúvidas e desassossegos que me acompanharam por muito tempo. Gostaria de ter tido a oportunidade de estudar ou de me encontrar em algum espaço onde discussões sobre negritude fossem potentes, onde pudesse me identificar e pertencer:

> Os efeitos da ideologia do embranquecimento e o fato de os estereótipos negativos estarem diretamente associados à cor e à raça negra fizeram com que os brasileiros mestiços e grande parte da população com ascendência africana, de maneira geral, não se classificassem como negros, gerando um grande número de denominações para designar as cores dos não brancos, como moreno, pessoa de cor, marrom, escurinhos etc. Portanto, essa forma de classificação não raramente eliminou a identificação dos mestiços

> com a negritude e fez com que estes não se classificassem como negros, bem como contribuiu para que permanecessem intactas todas as estereotipias e representações negativas dos negros. (SCHUCMAN, 2018, p.43).

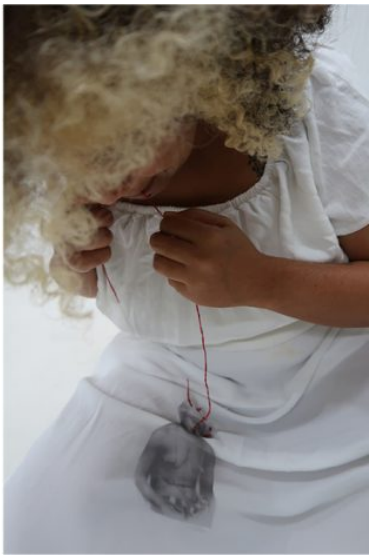
Encontrei essa problemática em mim e dentro da escola, entre professores/as e estudantes. O apagamento e o embranquecimento de nossas identidades acabam trazendo consequências que necessitam, dentro dos espaços de educação, um diálogo e uma reflexão mais profunda sobre tais questões. Percebo que trabalhos acadêmicos sobre discussões decoloniais, estão ganhando visibilidade dentro das Universidades, *empretecendo* as discussões acadêmicas e não-acadêmicas, pois também se lançam em outros espaços, multiplicando e socializando tais saberes. Como exemplo, recomendo a leitura do Anais do Seminário *"Corpas, saberes e territórios nas artes e na educação"*[8] realizado pelo grupo de estudos do qual faço parte, GPIHMAE (Grupo de estudos e pesquisas em imagem, história e memória, mediação, arte e educação) e o Egungun, realizado em maio de 2022, em especial, os textos: *Recomeçando sempre!* da professora Drª Rejane Galvão Coutinho e *Do amor e outras flores: corpas saberes e territórios nas artes e na educação* da professora Drª Rita Luciana Berti Bredariolli, ambas docentes no Instituto de Artes da Unesp, que compartilham suas visões e experiências de trabalho/pesquisa e vida, a partir de suas vivências com estudantes da graduação e pós-graduação que trazem tais temáticas e como essas visões impactam suas práticas como docentes do ensino superior.

[8] Disponível no repositório da Unesp: <http://hdl.handle.net/11449/242529> Acesso em 16/03/2023.

Juntamente com tantos pesquisadores e educadores, venho com essa pesquisa e com minhas práticas em sala de aula, contribuir para, segundo Chimamanda Ngozi Adchie, em sua palestra sobre "O perigo de uma história única"[9], *reparar a dignidade despedaçada.*

[9] Palestra de Chimamanda Ngozi Adichie no TED talk, em 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story> Acesso em: 30/01/2023.

INTRODUÇÃO PREPARATIVOS DA COSTURA AS IMAGENS A LINHA A COSTURA O SUPORTE

Figuras 2 e 3 - frames da vídeo performance

“Das Avós”

Rosana Paulino

2019

disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=9-V3n1cPnlI>

acesso em:30/01/2023

Uma mulher negra, vestida de branco, em um fundo branco, onde a cor da sua pele é o destaque juntamente com a linha vermelha que usa para costurar as imagens de seus ancestrais em sua própria roupa. Este processo dura cerca de nove minutos e as imagens costuradas são fotografias em preto e branco impressas em um tecido transparente.

As imagens vistas, reveladas, propostas ao olhar, se constroem de forma sutil em meio a um apagamento imposto pela colonialidade, mas, quando retiradas das memórias, do cesto, de trás das funções sociais, se encontram em encruzilhadas propondo possibilidades de olhar e agir, *"Ao olhar corajosamente, declaramos em desafio: Eu não vou só olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade"* (hooks, 2019, pg. 216).

Com a proposta de olhar e agir, a *intervenção artística*[10], como uma das possibilidades de conclusão do curso de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), se configurou nesta pesquisa.

Como você gostaria de ser vista? foi a pergunta inicial para os ensaios fotográficos. A partir de seus desejos, querências, sonhos e imaginação criamos a possibilidade de olhar, *(re)* significar, *(re)* criar suas próprias narrativas e se tornarem sujeitas das suas próprias histórias, abrindo caminhos para que outras, outros e outres também possam imaginar, potencializando imagens positivas da negritude:

[10] No programa de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), a conclusão do curso pode se configurar de três formas: dissertação, proposta pedagógica ou intervenção artística. Disponível em:<https://www.ia.unesp.br/#!/ensino/pos-graduacao/programas/artes/o-programa/apresentacao/> Acesso em 01/02/2023.

> A menos que transformemos as imagens da negritude, das pessoas negras, nossos modos de olhar e as formas como somos vistos, não poderemos fazer intervenções radicais fundamentais que alterem a nossa situação. (hooks, 2019, p,40).

As escolhas e os convites aos ensaios fotográficos foram feitos por mim, inicialmente às mulheres negras que trabalham nos serviços de apoio e administrativo da escola e mães de alunos, podendo ser ampliado a outras mulheres da comunidade escolar, que ocupam outros espaços.

Minha primeira opção, foi olhar para essas mulheres e fazer um recorte racial e de gênero por acreditar que, no ambiente escolar em que me encontro, elas são a maioria, tanto dentro como fora da escola. A maioria dos nossos estudantes vivem em famílias chefiadas por mulheres e são elas que sempre estão presentes na escola. Segunda dados do Data Favela 2022[11] , 67% dos moradores de favelas se autodeclaram negros, 8,7 milhões de moradoras são mulheres,e 21% dos lares desses territórios são sustentados por mães solos. Temos uma dívida histórica a ser reparada, anos de opressão e apagamento que precisam tirar a negritude, sobretudo, as mulheres negras da condição de desumanização e vulnerabilidade social.

Dentre nós, professores/as, as mulheres também são a maioria, em um quadro de 32 professores/as[12], somente 2 são do sexo masculino. Optei por trabalhar com funcionárias do serviço de apoio e administrativo por considerar que nós, professoras negras, estamos em condição de um certo privilégio, pois temos contato direto com nossos estudantes e criamos laços mais estreitos de afeto, o que de certa

[11] Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/tags/data-favela> Acesso em 01/02/2023.
[12] Dados fornecidos pela gestão da EMEIEF Osvaldo Quirino Simões, referente ao quadro de professores do ano de 2023.

forma, traz uma imagem mais positiva da negritude para dentro do espaço escolar.

As questões raciais envolvendo as participantes do projeto foram tratados com muita naturalidade, pois todas as convidadas se enxergam e se autodeclaram como mulheres negras, o que também ficou claro durante as entrevistas realizadas. Já entre professores, a ideia da negritude é mais polêmica, os tons de pele mais claros, ou o cabelo um pouco menos crespo, já torna a discussão mais complexa. Há poucos trabalhos que discorrem sobre tais temas e a negritude ligada ao fenótipo é muito mais forte do que as questões de ancestralidade. Na escola onde o projeto foi desenvolvido, por exemplo, apenas uma professora, além de mim, se reconhece negra levando em consideração também, seus descendentes ancestrais, ou seja, sua própria história. Movimentos negros, segundo Lia Vainer Schucman, principalmente os nascidos na década de 70 , já vem construindo, de forma positiva, uma ideia de negritude onde incluímos pretos e pardos.[13]

> Nesse sentido, é possível dizer que no Brasil sobra pouco espaço para que os sujeitos se classifiquem por outras formas de identificação, tais como a ligação com a cultura afro-brasileira ou com a história de seus ancestrais, já que o fenótipo e o olhar externo acabam sendo a condição para que se defina alguém racialmente. (SCHUCMAN, 2018, p.44).

Se essas questões impactam nossa sociedade, trabalhar com essas temáticas dentro da escola, torna-se um grande desafio. Paulo Freire (2021, p.28), nos inquieta com uma educação democrática e libertadora e nos traz a ideia de que devemos *"reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão".*

[13] Segundo a classificação do IBGE, negro inclui as pessoas que se autodeclaram pretas e pardas.

Valorizando os que vieram antes de nós e abriram espaços para propormos uma educação voltada para a diversidade, o diálogo e o respeito, venho também reivindicar uma proposta de educação apresentada por Luiz Rufino no livro Pedagogia das Encruzilhadas, onde o conhecimento perpassa por uma *desaprendizagem* e um *destronamento*.

> Assim, a descolonização deve emergir não somente como um mero conceito, mas também como uma prática permanente de transformação social na vida comum, é, logo uma ação rebelde, inconformada, em suma, um ato revolucionário. (RUFINO, 2019, p.11).

Nunca é tarde para *desaprender* , mas começando cedo, talvez os caminhos a serem percorridos possam ser de mais engajamento e mudança. Acredito que esse tipo de reflexão fortalece o movimento negro, pois nos encontrando, pertencemos e pertencendo nos fortalecemos.

> As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p.32).

Nesse encontro, algumas obras e artistas se aproximaram mais intimamente do processo de criação artística deste projeto, costurando leituras possíveis e ampliando o olhar da nossa comunidade escolar, em direções opostas, criando contra-narrativas que nos importam.

Rosana Paulino[14] é uma das pioneiras a compartilhar em suas obras, questões sobre gênero, identidade e representatividade negra. Utiliza em muitos de seus trabalhos, imagens impressas ampliando o diálogo sobre tais questões, fazendo suas intervenções com bordados, pintura e gravuras, costurando novas narrativas para imagens já conhecidas e/ou trazidas de suas memórias.

A memória é um dos elementos fundamentais e poderosos na construção dessas contra-narrativas e , segundo Conceição Evaristo[15],

> (...) recolhendo fragmentos, traços, vestígios, logrou elaborar uma cultura de exílio, refazendo assim a sua identidade, a do migrant nu.[16] De mãos vazias, reconstitui e reterritorializa a sua cultura de origem diaspórica, criando a possibilidade de viver um contínuo da tradição africana, apesar do espaço e de tempos históricos diferentes. Assim, o contínuo de uma africanidade na diáspora vai ser possibilitado pela força da memória coletiva, que, mesmo rasurada, permite ao africano e a seus descendentes a manutenção de um património simbólico herdado do continente africano. É pela força da memória que o sujeito afrodiaspórico pode se reconectar com o território africano, seu ponto de origem. (2021, p.26).

---

[14] Artista visual, pesquisadora e educadora. Disponível em:<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosana-paulino> Acesso em 03/02/2023.

[15] Informação verbal concedida por Conceição Evaristo na Conferência de Abertura do XIII Encontro Regional Sudeste de História Oral - *Narrativas de (re)existência: corpo - oralidades, antirracismo e educação* apresentada no dia 25 de setembro de 2019 no salão Pedro Calmon da UFRJ, transcrita no livro: Narrativas de (Re)existência antirracismo, história e educação, organizado por Amilcar Araújo Pereira, pela editora Unicamp.

[16] *migrant nu*, é um termo elaborado por Édouard Glissant (1928 - 20110), doutor em Letras, antropólogo, romancista, escritor, poeta, teatrólogo e ensaísta martinicano que, no processo de colonização do continente é aquele que chega sem nada, somente com o poder da memória. Disponível em:<https://historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1290> Acesso em 03/02/2023.

A Arte tem se mostrado como um forte e potente caminho para tantas vozes dissonantes, nos permitindo produzir rachaduras, ruídos, desestabilizando a norma e nos chamando à reflexão.

Aline Motta[17], outra importante referência para este trabalho, discute a relação da memória quando faz a busca pela sua própria história. Através de fotografias e documentos, sua própria procura por identidade se torna uma procura coletiva.

Os elementos visuais de seus trabalhos, juntamente com sua pesquisa, se costuram com alguns conceitos da filosofia dos povos bantus e da ideia de opacidade de Édouard Glissant, segundo as relações que proponho.

Para os bantus[18], a filosofia de vida chamada UBUNTU, significa *"Eu sou porque tú és"*, ou seja, eu só existo porque você existe. Glissant, discorrendo sobre o direito a Opacidade, traz uma compreensão de mundo na relação, na coexistência, na confluência:

> Pude, portanto, conceber a opacidade do outro para mim, sem repreendê-lo por minha opacidade para ele. Não preciso "compreendê-lo" para me solidarizar com ele, para construir com ele, para amar o que ele faz. Não preciso tentar tornar-me o outro (adivinhar o outro) nem "fazê-lo" à minha imagem. (2021, p. 206).

Pensar de forma coletiva, sem excluir por diferenças, sem reduzir ou propor padrões e modelos é um movimento de união da humanidade. Criar e refletir sobre essas mudanças, estão na Arte, na Educação e em nossa própria vida.

---

[17] Artista visual, fotógrafa e cineasta. Disponível em:<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa637831/aline-motta> Acesso em: 03/02/2023.
[18] Disponível em:<https://www.suapesquisa.com/afric/bantos.htm> Acesso em: 07/03/2023.

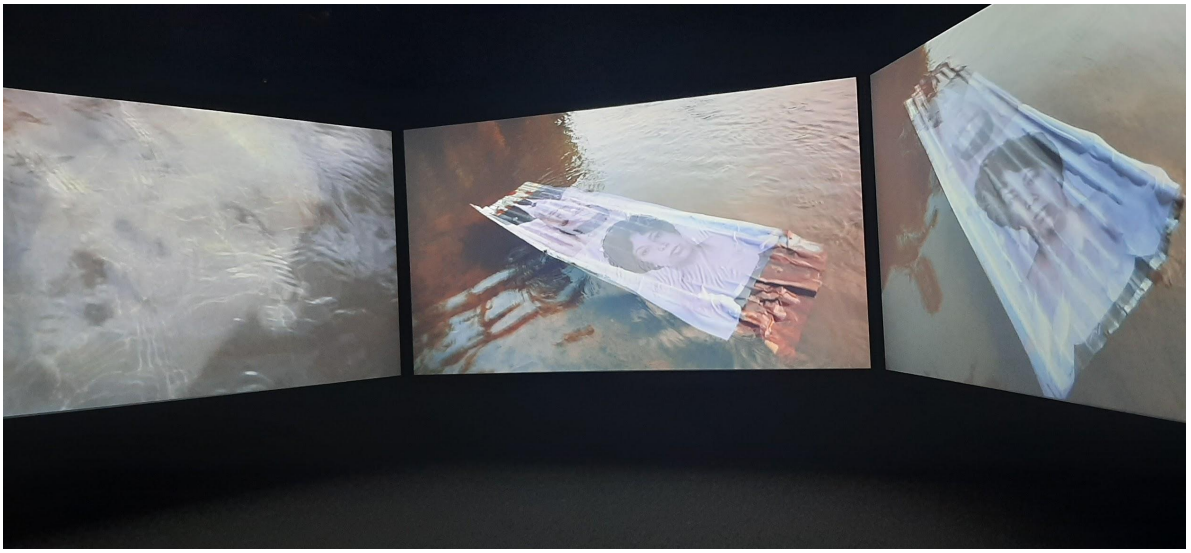




Figura 4

Aline Motta

vídeo- instalação realizada no Masp em 2022 com a projeção dos vídeos: **Pontes sobre abismos** de 2017, **Se o mar tivesse varandas**, 2017 e **(outros) fundamentos**, 2017-2019

fonte: acervo particular (foto da minha visita ao Masp em dezembro de 2022)

Figura 5

Aline Motta

Se o mar tivesse varandas – série de fotografias – 2017

fonte: imagem da internet. Disponível em:<https://d2yzvs8qffn37r.cloudfront.net/wp-content/uploads/2022/04/Aline-Motta-Se-o-mar-tivesse-varandas-4-2017-Aline-Motta-1024x480.jpg> Acesso em 10/12/2022



Figura 6 – **Janaína Farias de Souza Ferreira**
detalhe da intervenção artística **olhares_negros_quirino**
realizada na quadra da EMEIEF Osvaldo Quirino Simões
durante a Festa da Diversidade
em dezembro de 2021
Impressão em preto e branco sobre tecido chiffon
1x3m
fonte: acervo particular

As narrativas dessas mulheres fazem parte da cartografia do processo. Antes dos ensaios fotográficos, gravo em áudio uma conversa que parte de algumas questões:

- Começando pelo nome, fale um pouco sobre sua história, seus pais, onde nasceu, idade, filhos, casamento.
- Como mulher negra, o que é mais difícil em sua vida? Já sofreu episódios de racismo?
- Quais são suas referências de mulheres negras?
- Como você gostaria de ser vista?

A partir dessa conversa, proponho o ensaio fotográfico, que aconteceu nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021, na própria escola por escolha delas próprias, pois deixo claro a possibilidade de serem fotografadas em outro espaço.

Todas aceitaram prontamente o convite, mostrando interesse sobre o trabalho se entregando a ele.

Outra artista-referência, Helen Salomão[19], traz a humanidade da mulher negra para dentro desta pesquisa, suas fotografias, contando histórias e potencializando as imagens da população negra, principalmente mulheres, despadroniza, enriquece, valoriza nossa ancestralidade, trazendo além de propostas potentes, a beleza da luz negra.

Fotografia é o desenho da luz.

Luz negra é aquela que permite ver o brilho na escuridão.

E nós, também somos *mulheres luz*.[20]

---

[19] Helen Salomão, original de Salvador, Bahia, vivendo atualmente em São Paulo, SP. Se identifica como fotógrafa (documental e retratista), poetisa e atualmente tem se dedicado ao estudo de direção de fotografia. Apresenta em seus trabalhos diálogos sobre a humanização, digital na história, memória e protagonismos da população negra. Periferia sem sangue, poesia dos espaços e não padronização dos corpos femininos. Estudou na escola de arte e tecnologia Oi Kabum, já expôs no museu de arte da Bahia, no museu de arte moderna do Rio de Janeiro e no Fowler Museum at UCLA (Califórnia).Disponível em:<https://www.mulheresluz.com.br/rede/helen-salomao/> Acesso em: 03/02/2023.

[20] Projeto do qual Helen Salomão faz parte e que integra uma rede de mulheres fotógrafas.

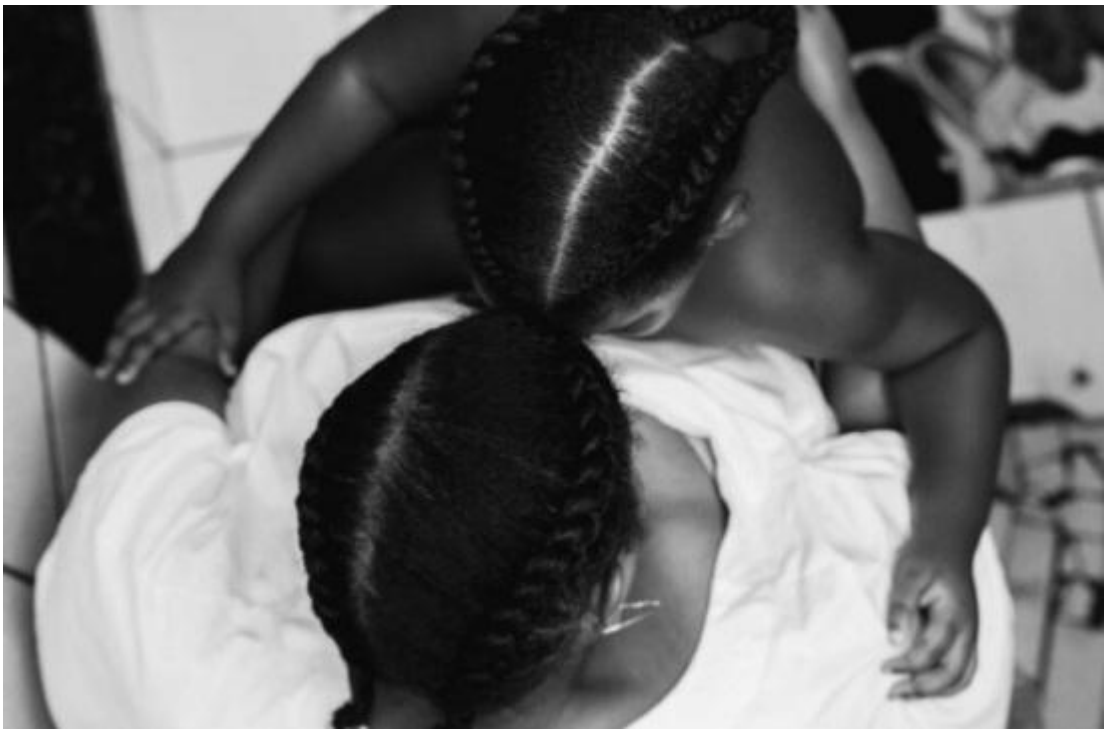


Figura 7 – **Helen Salomão**

Projeto **Raízes e mapas** (ainda em processo)

Fonte: imagem da internet. Disponível em:<https://www.mulheresluz.com.br/wp-content/uploads/fluentform/ff-da3ae865e7bf953905c4f4d2987c28c9-ff-15-1024x683.jpg> Acesso em 11/02/2023



Figura 8 – **Janaína Farias de Souza Ferreira**

Gerações

2021

Fotografia do banco de imagens

@olhares_negros_quirino

Renata Felinto[21], também é uma importante referência para essa pesquisa, como mulher negra, educadora e artista. Seu processo de criação, que envolve a sua busca pessoal por uma identidade negra afro-brasileira, traz uma minuciosa pesquisa sobre imagens da cultura africana e a exaltação de grandes mulheres negras apagadas pela história mas que , retornadas à cena, ganham um novo olhar e importância. Algumas séries de seus trabalhos, foram essenciais para o meu processo de criação, na elaboração, execução e curadoria das imagens para esta pesquisa. Destaco aqui, sua série "Afro-retratos"[22] e "Axé Marias"[23].

[21] Renata Aparecida Felinto dos Santos (São Paulo, São Paulo, 1978). Artista visual, pesquisadora, educadora, escritora, performer e ilustradora. Suas obras se fundamentam na questão da identidade negra feminina e, por meio de diferentes linguagens, questionam construções estéticas e culturais. A artista também se destaca pelo exercício da arte-educação em universidades e instituições de cultura. Disponível em:<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa637835/renata-felinto> Acesso em 04/02/2023.

[22] Nas pinturas, feitas nas técnicas de desenho, colagem e pintura, estão referências a características e adornos femininos de algumas culturas representadas, com o objetivo de proporcionar reflexões sobre a identidade congelada que se forjou na sociedade brasileira sobre ser mulher negra. Propõe-se a discussão das várias culturas que constituem as identidades contemporâneas a partir de influências na construção de histórias pessoais, considerando o mundo globalizado no qual vivemos. Disponível em:<https://renatafelinto.wordpress.com/afro-retratos/> Acesso em 04/02/2023.

[23] *Axé, Maria!* faz parte da série Afro retratos. as pinturas-estandartes homenageiam três mulheres negras da região do Cariri Cearense com histórias de vidas muito singulares, sendo elas, Maria Caboré (ano de nascimento desconhecido), Maria de Araújo (1862-1914) e Maria Margarida (1935). Disponível em:<https://renatafelinto.wordpress.com/axe-marias/ > Acesso em 04/02/2023.

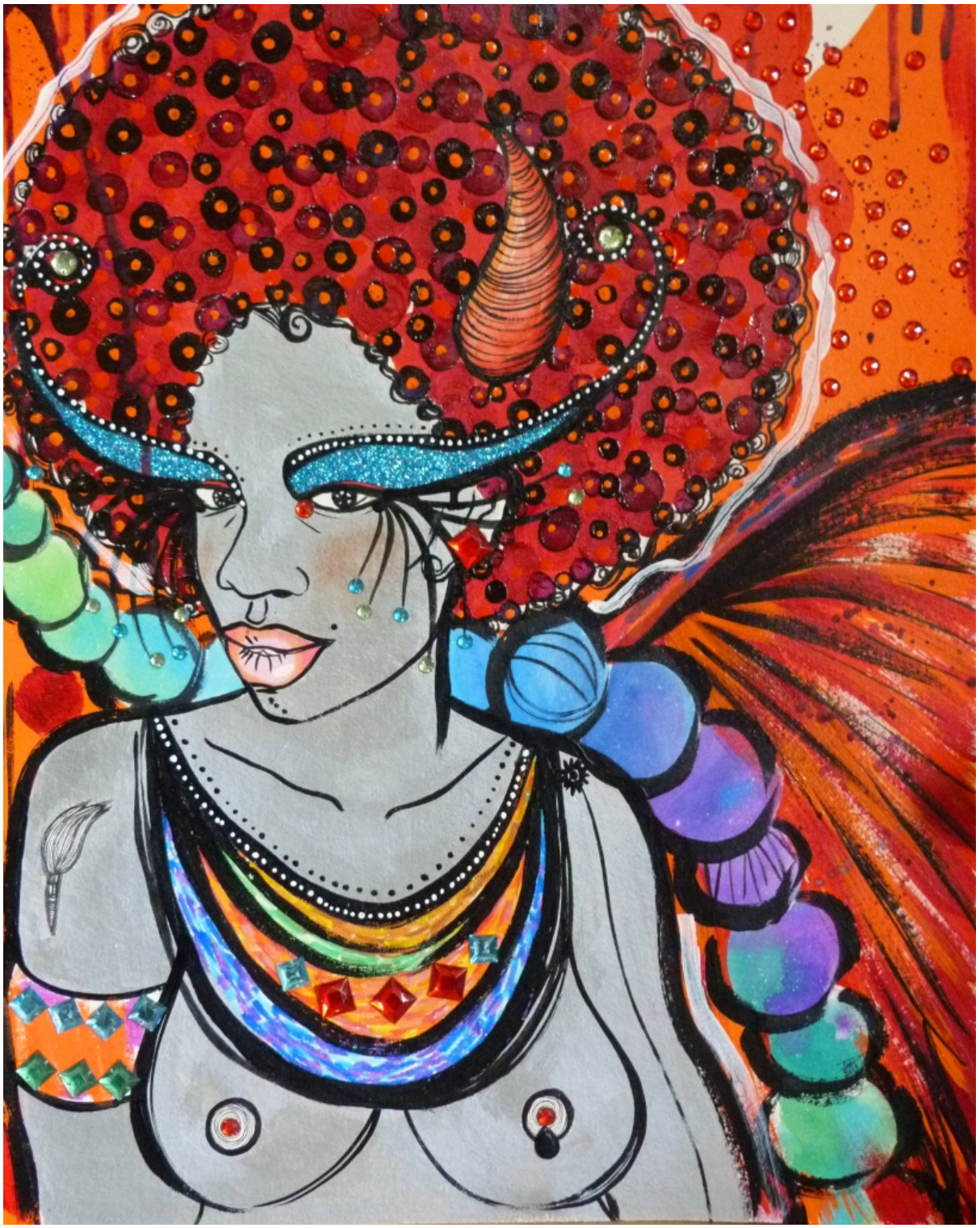


Figura 9 – **Renata Felinto**
Da série **Afro-retratos**
(2010 – 2014)
Fonte: imagem da internet. Disponível em:<https://renatafelinto.files.wordpress.com/2020/01/p1300418.jpg?w=816> Acesso em 24/01/2023





Figuras 10 e 11 – **Janaína Farias de Souza Ferreira**

Dandara

2021

Fotografia do banco de imagens

@olhares_negros_quirino

As fotos que fazem parte do banco de imagens, armazenadas na plataforma do Instagram (@olhares_negros_quirino) foram escolhidas por cada uma delas.

A curadoria final para a impressão das fotos em tecido chiffon, foi feita por mim.

A intervenção artística, realizada no final de 2021 e no ano de 2022, propõe como resultado as imagens de mulheres presentes no espaço escolar em diversas funções "reveladas", "impressas" em um tecido transparente, o que permite brincar com o olhar de quem está disposto a ver. Ao mesmo tempo que a imagem pode ser vista dos dois lados, ela se confunde com o espaço, pois vemos muito mais do que lá está.

Revirando minhas memórias, encontrei um trabalho de fotografia que desenvolvi no ano de 2002, quando cursava a graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, no Instituto de Artes da UNESP e percebi que meu olhar já havia estado em conflito/percepções/engajamento com questões que me inquietavam/motivavam, das quais, através dos meus registros fotográficos, enfatizei olhares de crianças portadoras da síndrome de down.

Tive a oportunidade de trabalhar com essas crianças no meu projeto de iniciação científica, no qual durante 2 anos (2001 e 2002) , registrei e ministrei atividades artísticas no centro de reabilitação Sagrado Coração de Jesus, localizado na divisa de São Paulo capital, com Mairiporã, instituição exclusiva para portadores da síndrome de down, tendo como hipótese principal do projeto, um ensino de Arte significativo, com propostas, elaboradas e pensadas a partir daquela

realidade, que poderiam ajudar no processo de desenvolvimento e reabilitação dessas crianças[24].

O primeiro ponto desta costura, através das fotos, começou ali... e só percebi agora, neste processo de escrita. Meu olhar, minhas inquietações...

24 Projeto de iniciação científica: “A importância do ensino das Artes Plásticas para o desenvolvimento expressivo da criança portadora da Síndrome de Down como um dos meios para sua inserção na vida social e cultural de sua comunidade” sob orientação do professor doutor João Cardoso Palma Filho, com bolsa FAPESP - realizado nos anos de 2001 e 2002.


Um olhar diferente
Janaína Farias de Souza
4º ano Educação Artística
Instituto de Artes –UNESP
Agosto/2002

Figura 12 - **Janaína Farias de Souza Ferreira**
detalhe do trabalho de fotografia **Um olhar diferente**
2002
fonte: acervo pessoal

Papéis cinzas desbotados, encadernados com um espiral transparente, fotos feitas com uma máquina fotográfica analógica, reveladas em papel fotográfico brilhante em branco e preto feitas por mim no laboratório de fotografia da faculdade.

Olhares que só eram vistos pelos seus iguais, seus familiares e alguns educadores, em uma época que ainda não se falava muito em *inclusão* e essas crianças eram atendidas em locais específicos para sua educação. Ou seja, compondo um grupo de minorias excluídas pelas suas diferenças, que encontravam ali, um espaço que as acolhiam juntamente com suas famílias, formando suas pequenas "bolhas" de convivência e aprendizagem, deixando assim, de ampliar e criar um contexto maior onde tais diferenças poderiam se tornar potentes para uma educação transformadora.

Refletindo formas de ensinar e aprender, bell hooks, nos faz pensar criticamente sobre uma educação que segue padrões, quando nos relata o seu próprio processo de escolarização em uma escola segregada, onde percebeu que a educação libertária tinha um papel fundamental para uma autoestima saudável entre os estudantes*:*

> A educação como prática da liberdade não só afirma uma autoestima saudável nos estudantes, mas também promove a capacidade de ser e viver de forma consciente. Ela os ensina a refletir e a agir a fim de ampliar a auto realização em vez de ensinar a conformidade com o **status quo.** (hooks,2021, p.129).

Ao recordar e trazer novamente este trabalho para ser visto/refletido durante o meu processo de pesquisa, percebo o quanto muitas das minhas pesquisas/práticas já vem sendo costuradas há tempos.



figura 13
visão de satélite
do território onde
a escola está inserida
fonte: google maps
https://www.google.com.br/maps/place/EMEF+Oswaldo+Quirino+Sim%C3%B5es/@-23.5598888,-46.7972493,17z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x94ceff85c3d83be7:0x8d2da0f115d544ef!8m2!3d-23.5598888!4d-46.7950553!16s%2Fg%2F1thbxtgq <acesso em 20/08/2022>

“Me vejo naquela laje. Minha primeira vez na favela. solidária com minha amiga e anfitriã, lhe disse: “absurda a desigualdade de nossa sociedade. Uma pena a favela ser tão feia numa cidade chamada de maravilhosa por suas belezas”.

E ela, filha de Oxum, Orixá do amor e das águas do rio, apenas me olhou, sorriu e disse: “feios são seus olhos domesticados. Que não percebem a beleza das senhorinhas sentadas na esquina conversando; das crianças brincando com brinquedos feitos por elas, que seus filhos e filhas nem imaginam que existam; que não sabem ver o belo na dança e na música expressas nos corpos desses jovens, feitas também por eles e elas. Que não conseguem sentir o belo na intensidade da vida presente nessas construções feitas por nós, contra o Estado que cuida de você e do mercado que produz para seu consumo. Por que não consegue enxergar a beleza de nossos corpos e invenções?”

Eu não podia deixar de me incomodar com a desordem: barulho, excesso de corpos, excesso de coisas, expressão do caos. E o amigo que me guiava, cria do lugar, sentindo meu incômodo, apenas falou: “porque pensar que somente na ordem está o belo?” E eu só ali percebi que sempre havia associado caos e feiura, ordem e belo, sem saber.

E o amigo seguiu falando: “De cada 100 estabelecimentos comerciais na favela da Maré, 20 são bares ou salões de beleza. É lindo ver nossos corpos, nosso tempo e espaço, juntos, não trancados em nossas casas: nas ruas, no boteco, no baile, no campo de futebol, na roda de samba, no forró, na entrega erótica ao nosso lugar, vivendo acima de tudo o presente. Nada mais belo do que a convivência. Nela nasce o funk, o rap, o grafite, o slam, o passinho. A arte

> urbana que fazemos domina a cidade, ela vem do caos e não da ordem."
> E o espelho segue me mostrando sua fala, me falando suas imagens: porque pensa como pensa, por que age como age?
> E eu ali estava, desejando muito ouvir o que o espelho me dizia, ver o que ele me mostrava. E me fui de volta para olhar mais fundo, buscando o que talvez não tivesse visto, sentir o que talvez não tivesse sentido."

Me deparei com esse texto de Jailson de Souza e Silva[25] , *"Sobre o belo e a favela"* quando fui conhecer o Museu das Favelas[26], localizado no centro da cidade de São Paulo, na região da antiga Cracolândia e pude perceber o sentido desta pesquisa para o território onde ela habita: periferia da zona sul de Osasco, espaços ocupados e construídos por muitos migrantes nordestinos, em sua grande maioria, autodeclarados negros (pretos/pardos) e famílias chefiadas por mães solos[27].

Observando as imagens do local onde estou inserida como educadora, também me vi com um "olhar domesticado" , mesmo sendo cria de escola pública periférica da cidade de São Paulo. Um olhar que buscava sentido. As desigualdades me inquietavam, o caos, me desestabilizava, mas a "comunidade" me mostrou que é necessário um olhar atento para nosso entorno e a pensar por diferentes caminhos.

---

[25] Negro, filho de migrantes nordestinos, nascido e crescido na periferia do Rio de Janeiro e estudante da escola pública. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984), mestrado e doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pós doutorado pelo John Jay College of Criminal Justice - City University of New York. Professor aposentado da Universidade Federal Fluminense, fundou o Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, foi Secretário de Educação de Nova Iguaçu, Subsecretário Executivo da Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro, fundador e atual diretor geral da Universidade Internacional das Periferias - UNIperiferias/IMJA. Tem experiência, estudos e múltiplas publicações e livros sobre temas como como Educação, Segurança Pública, Representações, Práticas sociais e Territoriais urbanas.
Disponível em:<https://www.escavador.com/sobre/953888/jailson-de-souza-e-silva> Acesso em 30/01/2023.
[26]Disponível em:< https://museudasfavelas.org.br/ > Acesso em 31/01/2023.
[27] Dados do Projeto Político Pedagógico da escola de 2020.

Djamila Ribeiro, no seu livro "O que é lugar de fala", nos convoca (negros e brancos) a debater sobre a invisibilidade do negro e "restituir" nossas humanidades que nos foram negadas. Através do estudo de mulheres intelectuais negras ela abre um debate amplo para além da lógica colonial e questiona também as estruturas racistas de nossa sociedade. "Indomesticando" nosso olhar, revivo a vontade de trazer "Um olhar diferente" para dentro do meu processo de trabalho e ressignificar *olhares periféricos*, lugar onde também estive e que agora me descubro, através das leituras, das artistas e suas obras, de outros olhares, pois também fui quem queria ser vista pelo que acredito ser importante.

Retomo aqui, a parte final do itã sobre Iemanjá de Reginaldo Prandi:

> O ventre de Iemanjá se rompeu e dele nasceram os orixás: Xangô, o senhor da justiça: Ogum, o orixá da guerra, Oyá, a senhora das tempestades, protetora das mulheres e muitos outros.

Envolvida por esse território, onde a escola se situa e atuando como arte-educadora na EMEIEF Osvaldo Quirino Simões desde 2009, proponho uma análise contra-hegemônica sobre o significado deste lugar.

A escola foi batizada com o nome de Osvaldo Quirino Simões, um homem branco, que foi responsável pela criação do primeiro curso superior de Química[28], pois considerava importante ter profissionais mais qualificados em química trabalhando nas indústrias na década de 60.

[28]Disponível em:< https://www.oswaldocruz.br/conteudo_ler.asp?id_conteudo=17301 > Acesso em: 04/02/2023.

Quirino, tem seu significado na raiz grega *Quiris* , que significa Lança, aquele que luta com uma lança, guerreiro.[29] Mas, esse nome, ao fazer parte desse projeto, se relaciona ao significado de guerreiro que vem de OGUM, soldado, aquele que trabalha com persistência, atitude, também representado por uma lança.

Significados que gingam com conhecimentos trazidos de lados opostos da história, mas que aqui, se configura com o lado da história não contada.

Durante essa pesquisa, descobri um outro personagem importante que deixo registrado. Na busca pelo nome Quirino, encontrei Querino, Manuel Raimundo Querino (1851 - 1923), um intelectual negro, aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e da escola de Belas Artes, pintor, escritor e abolicionista, que deixou uma grande contribuição para a história do Brasil real, na qual é contada no podcast *"projeto Querino"*[30].

Revivendo essa história, percebo que podemos olhar por outros olhares e recontar outras histórias para além do que já está estabelecido em nossa sociedade e que traz intrínseco em nosso viver atitudes que podem não ser nossas, que às vezes nem sequer pensamos sobre o que reproduzimos, se o que passamos adiante em nossas vidas nos pertence, e se pertence, de onde vem?

Nossas histórias foram roubadas, apagadas e temos como ascendentes potentes de uma história viva, a possibilidade de restaurá-las, de mudar a direção, de gingar com quem quisermos, de conhecer o que foi escondido, perdido, destruído, reescrito por outros, através do olhar que nos pertence.

---

[29] Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quirino#:~:text=Em%20algumas%20fontes%2C%20Quirino%20%C3%A9,econ%C3%B4mica%20do%20populus%20romano%20coletivamente.> Acesso em 04/02/2023.
[30] Disponível em: <https://projetoquerino.com.br/podcast/ > Acesso em: 07/03/2023.

Nessa busca dentro do meu baú de memórias, percebi o quanto revivi minha história, nas descobertas sobre os meus antepassados e encontrei muita potência, que ao serem compartilhadas no espaço escolar, podem mudar o que acreditamos que não poderiam ser vistos, ou abrir "baús" com memórias adormecidas que podem se tornar fontes de conhecimento.

O conhecimento espiralar[31], aquele que volta ao passado e traz ao presente sentido, que revisita.

Paulo Freire e bell hooks teorizam a importância de uma educação emancipadora, dialogando em suas obras sobre o real significado da educação.

Encontramos em suas palavras, uma Pedagogia Engajada que abraça, liberta, que traz a experiência de mãos dadas com a vontade de ensinar e aprender sem limites, promovendo discussões que abarcam questões sociais, raciais, sexistas, que "moldam" nossa sociedade e que precisam ser repensadas. hooks diz que seu

> compromisso com a pedagogia engajada é uma expressão de ativismo político". Pelo fato de nossas instituições educacionais investirem tanto no sistema de educação bancária, os professores são mais recompensados quando seu ensino não vai contra a corrente. (2017, p. 267).

Nossas instituições educacionais públicas estão, há tempos, às margens da construção de uma sociedade mais justa e consciente, o

[31]O conceito de tempo espiralar foi consolidado por Leda Maria Martins no seu livro "Performances do tempo Espiralar: poéticas do corpo-tela" de 2021, onde ela explora as inter-relações entre corpo, tempo, performance, memória e a produção de saberes, principalmente aqueles que se constituem através das corporeidades.Disponível em:<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/1705-leda-maria-martins-performances-do-tempo-espiralar-poeticas-do-corpo-tela > Acesso em:27/07/2022.

que impacta diretamente na vida das pessoas que frequentam esses espaços. Segundo o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA,) o Brasil ocupa a posição 53ª de 65 países avaliados, na qualidade de sua educação, esses dados são de 2022[32]. Não podemos deixar de levar em consideração, nesta avaliação, o peso do fato de que estes índices estão comprometidos com parâmetros hegemônicos de competências, deixando de lado o que aqui reivindicamos como uma educação voltada para uma sociedade mais igualitária.

A luta por uma educação de qualidade se torna parte da vida dos educadores que lá estão. Olhar para esse sistema e transgredir o que nos cerca, nos engessa, nos molda, é um ativismo político cotidiano. Papéis fundamentais do educador que se inquieta, que busca, que troca, que ginga, que realmente acredita na mudança das suas práticas dentro do espaço escolar.

Repensando sobre o fazer, e me engajando em pedagogias que extrapolam os muros da escola, essa pesquisa visa, como um possível caminho, que não é linear, sentindo o mundo e pensando sobre ele, por outros olhares, que é possível transgredir e propor diálogos com outros saberes.

Diante das questões levantadas pela observação, reflexão e atuação na comunidade em que me encontro, este projeto está propondo imaginar outras possíveis formas de aprender/ensinar Arte, reconstruindo um olhar poético e crítico ao nos permitir imaginar outros mundos, através das narrativas que já se fazem presentes no espaço escolar. Para isso, a proposta foi criar um banco de imagens com ensaios fotográficos realizados por mim (eu-artista) para serem trabalhados em sala de aula (eu-educadora) e refletir sobre o processo e os desdobramentos dessa proposta.(eu-pesquisadora), utilizando o

[32]Disponível em:< ttps://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa> Acesso em: 04/02/2023.

método da A/R/Tografia, que deriva dos estudos da professora canadense Rita Irwin[33].

Uma pesquisa-ação, através da arte, colaborativa, e em constante movimento.

As imagens trabalhadas aqui, são a força potente que despertou nosso olhar, criou outras narrativas possíveis e refletiu sobre muitas questões. Como transgredir as referências de Arte trazidas para a sala de aula? Quais são nossas escolhas enquanto arte-educadoras(es) comprometidas(os) com uma educação transgressora e antirracista? Quando nos propomos a pensar uma escola antirracista, onde estão nossas ações? Onde estão as referências da negritude na escola? E nos livros? E nas propostas pedagógicas da escola? Continuamos a perpetuar práticas das classes dominantes? Ou conseguimos propor outras formas de ver, sentir, ser e estar no mundo? Em um mundo onde as desigualdades sociais são imensas, como podemos refletir sobre isso?

Como a Arte está presente no currículo das escolas e como ela é concebida e ensinada pelos educadores são também questionamentos refletidos nesta pesquisa. Apoiados nas contribuições que a Proposta Triangular do ensino de Arte, sistematizada por Ana Mae Barbosa[34], proponho um ensino de Arte flexível, que viabiliza: a criação/fazer, a leitura da imagem e sua contextualização. Além de se tratar de uma proposta que valoriza a interculturalidade, o diálogo e a construção do conhecimento.

---

[33] Disponível em <https://www.ufrgs.br/arteversa/site-de-rita-irwin/ > Acesso em 10/05/2023.

[34] Professora de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA, Ana Mae Barbosa é uma das principais referências brasileiras em arte-educação e, embora já aposentada, ainda é disputada pelos alunos da instituição como orientadora. Desenvolveu, influenciada diretamente por Paulo Freire, o que chamou de abordagem triangular para o ensino de artes, concepção sustentada sobre a contextualização da obra, sua apreciação e o fazer artístico. A pesquisadora foi, também, a primeira a sistematizar o ensino de arte em museus, quando dirigiu o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC.Disponível em:<http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoaa/ana-mae-barbosa> Acesso em 11/02/2023.

INTRODUÇÃO PREPARATIVOS DA COSTURA AS IMAGENS A LINHA A COSTURA O SUPORTE

Palavras, sementes

Imagens e flores

Na educação formal ocidental, as vozes ainda não ocupam o mesmo espaço da escrita. E se essas vozes forem negras, a luta para serem ouvidas sempre foi e ainda é constante.

A "validação" de vozes silenciadas nos tira dos "porões" [35] e amplia um movimento que já vem sendo feito há muito tempo por intelectuais negras como Lélia Gonzalez[36] que traz reflexões importantes sobre: Quem pode falar? Quais são as vozes legitimadas? Assim, criticando a hierarquização do conhecimento.

Conceição Evaristo[37], *saiu do "porão"*[38] e começa a semear vozes e experiências de mulheres negras que, invisibilizadas pela sociedade,

---

[35] História contada por Conceição Evaristo no podcast "Negra Voz", episódio 2. Disponível em:<https://tiagorogero.com/02-maria-firmina-dos-reis-e-conceicao-evaristo/> Acesso em 24/02/2023, em que relata sua entrada em uma das melhores escolas de Belo Horizonte onde alunos da elite "branca" estudavam nos andares superiores e alunos vindos da comunidade, onde se inseria, estudavam nos andares inferiores, os quais denominou de "porões da escola".

[36] Intelectual e ativista negra, Lélia de Almeida Gonzalez (1935-1994) destaca-se por sua produção e por intensa atuação política contra o racismo e o sexismo. As discussões que propôs sobre questões identitárias e sobre relações de raça e gênero no Brasil repercutem em diversos campos do conhecimento, encontrando forte eco nos Estudos Culturais e na Antropologia. Filha de uma empregada Condoméstica de origem indígena e de um homem negro, ferroviário, pertencente a uma extensa família operária, Lélia migra de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro em 1942, onde se forma em História e Filosofia, tornando-se professora na rede básica de ensino e no ensino médio, lecionando em escolas públicas e privadas. Realiza mestrado em Comunicação Social e doutorado em Antropologia, tornando-se professora e pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, entre 1978 e 1994. Disponível em:< https://ea.fflch.usp.br/autor/lelia-gonzalez> Acesso em 25/02/2023.

[37] Maria da Conceição Evaristo de Brito (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1946). Romancista, contista e poeta. Nasce em uma comunidade no alto da Avenida Afonso Pena. Trabalha como empregada doméstica até 1971, quando conclui os estudos secundários no Instituto de Educação de Minas Gerais.
Muda-se para o Rio de Janeiro em 1973, ocasião em que é aprovada para o magistério. Estuda na Universidade Federal do Rio de Janeiro e forma-se em Letras. Ingressa no mestrado em Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) onde defende, em 1996, a dissertação *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. Defende a tese de doutoramento *Poemas Malungos – Cânticos Irmãos*, em 2011, na Universidade Federal Fluminense (UFF).Disponível em:< https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo> Acesso em 10/02/2023.

[38] Suas palavras referindo-se ao fato de que, através de seu desempenho escolar, "subiu" de andar para estudar juntamente com os estudantes dos andares superiores, os mais "inteligentes". História no podcast " Negra Voz", episódio 2. Disponível em:<https://tiagorogero.com/02-maria-firmina-dos-reis-e-conceicao-evaristo/ >Acesso em 24/02/2023.

brotam em suas palavras, em um conceito criado por ela chamado de "Escrevivência", a escrita de si. A partir dessas histórias, através de sua voz, a voz de uma mulher negra, reconstrói a história brasileira com todas suas subjetividades e sem criar estereótipos.

Por essa razão, a voz/semente de Conceição Evaristo costura esta pesquisa, juntando-se a outras vozes de mulheres negras da periferia da cidade de Osasco, São Paulo. Mulheres que brotam ao se deixarem sair de suas "funções" no espaço escolar e na vida e a nos permitir conhecê-las.

Ao escrever pensando sobre as mulheres africanas e suas descendentes escravizadas, Conceição Evaristo diz que essas falas também foram escravizadas:

> Ora, se a fala dessa mulher da casa grande é uma fala escravizada, a nossa escrita não. Pelo contrário. A nossa escrevivência é pra acordar os da casa grande. Então esse conceito nasce justamente com a tentativa de borrar parte dessa história, é o reverso. E, é o reverso também por um outro aspecto, porque aí já tem a escrita. Se antes a fala da mulher negra ficou condicionada a uma oralidade, hoje ela tem também a escrita. E ter a escrita é justamente apropriar das armas da casa grande.[39]

A partir dessa "apropriação" , este capítulo foi escrito ouvindo as histórias de vida das mulheres convidadas para esta pesquisa, transformando suas vozes em contos e imagens que misturam realidade e ficção e nos aproximam.

[39] Entrevista de Conceição Evaristo ao portal Geledes. Disponível em:<https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/ > Acesso em 09/02/2023.

A primeira mulher negra que fiz o convite para o ensaio fotográfico, nossa inspetora de alunos, ficou muito lisonjeada e percebi uma mudança de comportamento notável. Ela se mostrava uma mulher introvertida e discreta, cabelos sempre presos, roupas na sua maioria, com cores neutras, voz baixa, mas um olhar muito revelador e forte. No dia seguinte ao convite, seus cabelos estavam soltos, sua postura dentro da escola erguida, parecia que queria ser vista por todos e avalio que o convite foi o que motivou e valorizou sua auto estima, me relatando sobre a negritude presente em sua família, com filhos que valorizam a história e resistência negra e sonham em ser muito mais do que a vida os oferece, transgredindo o estigma que acreditavam fazer parte. Inclusive, me perguntou se poderia trazer sua filha para fazer o ensaio fotográfico também. Aceitei de imediato. A felicidade que estava sentindo queria compartilhar com os seus e, trazer a filha, foi uma forma de também proporcionar a ela a experiência que acreditava ser importante.

A filha também aceitou o convite e se dispôs a sair do seu trabalho e vir se encontrar com a mãe na escola para realizar as fotografias.

As fotos e as entrevistas foram realizadas. Como combinado, antes de publicar as fotos no arquivo de imagens, peço para que escolham, junto comigo, as imagens que mais gostam.

Durante este processo, nossa inspetora não gostou das imagens que viu. Propus a ela para fazermos o ensaio fotográfico novamente, em outro lugar, se desejasse, num final de semana, como se sentisse melhor. A princípio, concordou, mas logo veio sua desistência. Adorou as fotos da filha mas disse que aquilo não era para ela. Saindo de uma auto estima que estava nas alturas para o chão. Quando se deparou com as fotos expostas na escola, mostrou-se alegre por sua filha estar sendo vista e sua história compartilhada, mas sua presença voltou a

ser como era: cabelos presos e muito discreta.

Sobre a construção do olhar das mulheres negras, bell hooks, nos relata a sua experiência de olhar desde a infância, com confrontos, desafios, resistências, tornando seu "olhar político", pois o olhar tem poder:

> Maravilhada pela primeira vez que li nas aulas de história que brancos donos de escravos (homens, mulheres, crianças) puniam as pessoas negras escravizadas por olhar, eu me perguntei o quanto esse relacionamento traumático com o olhar influenciou a criação de filhos e a atitude das pessoas negras enquanto espectadoras. As políticas da escravidão, das relações de poder racializadas, eram tais que os escravizados foram privados de seu direito de olhar. (hooks, 2019, p. 215)

As consequências do olhar que estava proporcionando para a comunidade escolar se mostrou muito mais complexa do que esperava, percebi que não estava somente propondo reflexões aos meus estudantes e sim para todos os envolvidos neste processo de educar, a escola é um território comunitário, e todos nós, presentes, corpos educadores.

Mas também é necessário ir além dos muros da escola, ampliando esse grande território de conhecimento, pois é neste mundo que estamos inseridos e é nele também que reside as estruturas por onde perpassa o sentido de nossas vidas.

No artigo **"Pode uma mulher negra existir? Histórias para gente disposta**[40] que escrevi juntamente com duas colegas do mestrado, Raquel Santos[41] e Gilvânia dos Santos[42], contamos nossas histórias:

> (...) estas que se cruzam e podem ser lidas/vividas em vários territórios do nosso país, dentro de qualquer escola, em especial as públicas, onde ainda se concentram corpos à margem dos lugares ditos como de poder. Estas vivências se cruzam em questões singulares: de que forma corpos negros são vistos em espaços, dito educadores? Como esses corpos territórios criam epistemes a partir de suas vivências e dos encontros? Há espaço para estes encontros na educação? (2022, p. 82).

As nossas histórias começam a significar muito nas relações que travamos diariamente. Ter consciência e ampliar o conhecimento criado a partir desse encontro é terra fértil para propostas que ampliam visões decoloniais para o ensino de arte trazidos de alguma forma e levantadas também por esta pesquisa.

Sigo tecendo este trabalho compartilhando os contos e imagens costurados[43] a partir da fala e escuta das mulheres negras presentes no território escolar, criados para *gente disposta.*

---

[40] SANTOS, Raquel; FERREIRA, Janaína Farias de Souza.; SILVA, Gilvânia Santos. Pode uma mulher negra existir? Histórias para gente disposta. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 7, n. 3, 2022. DOI: 10.5965/24471267732021082. Disponível em:< https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21124.> Acesso em: 18 jul. 2022.

[41] Mestranda em Processos Artísticos, experiências educacionais e mediação cultural pelo Instituto de Artes da Unesp. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6692646230314196. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9824-9039. E-mail: raquel.s.santos@unesp.br.

[42] Licenciada em Dança pela Faculdade Paulista de Artes - Mestranda em Artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNESP Lattes: http://lattes. cnpq.br/0196216773333528 . E-mail:gilvania.santos@unesp.br

[43] As imagens dos registros do meu ato de fotografar foram feitas pelo professor de educação física da escola, Edgard de Oliveira Ferreira.



Cláudia Cristina



Cláudia Cristina Gonçalves

Era início da manhã, dia 02 de fevereiro.

A orla da praia estava cheia, as oferendas, cantos e rezas aqueciam aquele dia.

Mãos ao mar, mãos ao céu e Iemanjá abençoava a multidão que ali estava.

Como todos os anos, Cláudia estava ali, olhos fixos no mar, toda de branco, oferecendo rosas à nossa mãe, rainha do mar.

Nessa conversa com o mar, parecia escutar, quando a brisa acariciava seu rosto, as vozes e a respiração de seus ancestrais que afastava do seu corpo todas as dores que havia passado até aquele dia.

De todas as dores, se afastar do mar foi a mais dolorida mas, precisava trabalhar para sustentar seus 6 filhos que, sozinha,teimava em fazer com que a vida deles fosse melhor que a sua.

E foi num dia, voltando do trabalho,ônibus lotado, vagou um lugar, sentou, estava cansada.

Seu trabalho como doméstica era muito duro, limpava uma casa que não era a sua, cuidava de filhos que não eram os seus,cozinhava pratos deliciosos imaginando o quanto seus filhos adorariam saboreá-los, mas que não eram para eles.

Fazia tudo com devoção, pois acreditava que, assim como Iemanjá, é dando que se recebe e que toda a sua doação seria recompensada e, naquele momento a recompensa foi um banco vazio, onde pudesse descansar por alguns minutos.

Sentou, soltou o corpo sobre o banco duro e relaxou, fechou os olhos por um instante. Era tudo que queria. Mas logo essa sensação de paz foi cortada por uma voz que dizia:

- Não encoste em mim!

- Desculpe, não entendi! - disse Cláudia.

- Não encoste em mim! - disse uma senhora branca fazendo um gesto com a mão como se estivesse limpando seu braço.

Pelo seu gesto e olhar, percebeu que estava se referindo a cor da sua pele, preta. Não foi a primeira vez que se afastaram dela com esse mesmo olhar.

Não teve reação. Estava cansada. Apenas se afastou. Estava cansada. Fechou os olhos novamente e continuou sua viagem.


Marcela



Marcela Aparecida Fachini Costa

Assim que cheguei da Bahia, com minhas três filhas pequenas e recém-separada do pai delas, perambulando pela cidade a procura de um lugar onde pudesse recomeçar, conheci Marcela.

Ela, mulher negra, forte, de voz potente e postura altiva, foi a primeira pessoa disposta a me ajudar a encontrar um lugar para fincar meus pés nesta cidade.

Após algumas palavras trocadas, comecei a conhecer esta mulher.

Marcela, também mãe de três filhos e avó de gêmeos, com um sobrenome italiano que disse ter raízes em seu pai, me abriu um sorriso e me estendeu as mãos. Encantada por sua história fiquei. Sou gêmea também e na cultura iorubá, os gêmeos são representados pelos ibejis que segundo esta crença, trazem sorte para a família em que nascem. Se cremos, somos sortudas. Creio que somos.

E nesse clima de "sorte" e ancestralidade, percebemos que nasceria desse encontro uma amizade que floresceria e ofereceria a Iemanjá essas flores.

Marcela, também migrante, veio do centro de São Paulo para a periferia de Osasco assim que engravidou da sua primeira filha. Era menina ainda. Tentou viver um casamento feliz mas, muitos foram os obstáculos encontrados que a

separação veio tão logo que pariu seu terceiro filho. Sozinha, contava com a ajuda da sua mãe, que também se apoiava nela para criar seus sete filhos, irmãos de Marcela.

Então, começou a trabalhar muito cedo.

Mãe, solteira, negra, periférica, seu sonho de ser advogada foi deixado para trás. Acho que teria sido uma excelente advogada, fala muito bem, não foi Xangô, foi cuidar de idosos, ser atendente de lanchonete e secretária.

E nessa busca pelo seu primeiro emprego, sentiu em sua pele pela primeira vez, o racismo. Ao se candidatar a uma vaga em uma empresa multinacional como atendente, não a deixaram nem falar, seu corpo ao ocupar aquele espaço já foi lido como não pertencente àquele lugar. Escutou quando o responsável pelo recrutamento disse que poderia dispensar aquela "pretinha". E esse "pretinha" ecoou e ecoa até hoje em sua memória quando se lembra de situações de discriminação que sofre multiplicada na pele de seus filhos e netos.

Mas Xangô é justo!

Hoje concursada e efetiva como auxiliar administrativo, ocupa o espaço em uma escola de educação fundamental e é tida como referência para as crianças e funcionários que ali estão.

Sua guia branca no pescoço abre caminhos de pureza e proteção, sua pele negra abre caminhos de respeito e gratidão aos seus antepassados que de muitos que ali estão também são, e reconhecer que somos parte do mesmo corpo já é o início de uma nova história..

Do ventre dessa mãe nasceu Camila, a primeira dos seus três filhos.







Lucas *Victor*



Camila Aparecida

Camila Aparecida Costa Dantas

Camila também Aparecida, como sua mãe, me envolveu com seu olhar tímido de quem estava receosa ao me relatar a sua história. Não esperava que em nosso primeiro encontro pudéssemos parecer tão íntimas como foi. Me via dentro dos seus olhos esperançosos e mergulhei dentro deles, na mesma esperança e nos mesmos sonhos.

Ela começa contando sua história…

Meu nome é Camila Aparecida Costa Dantas, mãe de gêmeos, filha de Marcela.

Nasci em São Paulo e cresci em Osasco.

Minha mãe se dedicou muito, dentro do possível, na minha criação e educação, juntamente com meus dois irmãos.

Meu pai era daqueles que mesmo presente se fazia ausente, ou seja, minha mãe era a fortaleza e sempre foi o meu exemplo.

Desde criança se esforçava em meio a todos os seus afazeres para nos proporcionar uma infância de brincadeiras e experiências positivas.

Lembro das várias vezes que chegava em casa cantando canções de Raul Seixas, um dos seus cantores favoritos: *"Eu prefiro ser, essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo"*... Tentava entender o que para mim eram palavras sem sentido, mas que na voz de minha mãe ganhavam um significado especial e Metamorfose acabou

sendo um dos seus lemas, ela vivia se adaptando e se transformando para que a nossa vida fosse como de uma borboleta.

Conseguiu… Nos deu asas. Nos ensinou que precisamos olhar sempre para os nossos antepassados, que de lá vem nossa força e o sentido de nossas vidas nesse mundo tão desigual. Assim como as borboletas, somos iguais, mas temos nossas diferenças. Caminhando ou "voando" por lugares que também nos pertencem, mas que a todo o momento necessitamos reivindicá-los como nossos.

Ao lembrar das canções que saíam da boca de minha mãe, que me traziam esperança e me faziam acreditar que o mundo era pra mim também, tentava olhar para trás e imaginar quais as canções que minha avó cantava para minha mãe que a tornou essa incrível mulher que ela é hoje. E hoje, como mãe, canto para meus filhos como uma forma de dizer que esse mundo nos pertence e é lindo.

Quando me tornei mãe, não foi planejado, mas eles foram muito bem vindos. Fiquei muito assustada e feliz ao mesmo tempo, era muito jovem, tinha apenas 22 anos e sonhava com outras possibilidades naquele momento da minha vida, mas veio a transformação, a metamorfose… Precisava cuidar de duas crianças que chegavam ao mesmo tempo em minha vida. O susto foi grande.

Na contramão de tudo que via e me contavam, tive o apoio do pai dos meus filhos, que até hoje caminha ao meu lado. Nossa história é de um amor que deu certo. Meu primeiro amor, amor da adolescência que até agora está sendo eterno… Nos apoiamos um no outro, dois jovens, que no meio de seus sonhos, tiveram a metamorfose acontecendo dentro de nossos corpos. Acompanhamos todo o crescimento, a batida do coração, o surgimento daqueles serzinhos, tão miúdos que quando nasceram cabiam dentro de uma caixa de sapato.

Tivemos que dar um tempo nos estudos e eu no trabalho, para oferecer aos nossos filhos todo o cuidado que eles necessitavam naquele momento. Não foi fácil. Depois de 3 anos, tive a vontade e oportunidade de voltar a estudar e trabalhar. Precisava também oferecer aos meus filhos oportunidades que acreditávamos ser importantes para a metamorfose deles.

Através de um concurso, ingressei em uma empresa muito boa que me abriu portas para o acesso a Universidade pública, pois me fez conhecer programas de inclusão social que por direito tenho e que até então desconhecia. E através destes programas, ingressei em uma Universidade que me fez acreditar que aquele lugar era pra mim também.

Nunca imaginei fazer parte de um espaço acadêmico, não achava que aquilo era pra mim e por não acreditar, nunca tentei.

É estranho isso… Não acreditar, não pertencer, não ousar… Parece que o mundo nos coloca nessa situação o tempo todo e quando saímos da caixinha que nos colocaram e descobrimos que sim, acreditamos, pertencemos, podemos ousar, os voos começam a ser mais altos. E porque não? Por que nos prendem ao chão, não nos deixam voar?

Nossa sociedade é tão desigual que nos fazem acreditar que não pertencemos ao céu e eu digo mais, pertencemos ao céu, ao mar, a terra, ao ar e a tudo que aqui conseguimos enxergar e vamos ocupar sim esses espaços. Eu irei, meus filhos também, os meus irão…

Sempre digo aos meus filhos sobre a importância de conhecer nossa história, os que vieram antes de nós e abriram espaços para que hoje possamos estar em uma situação melhor.

Eles são muito curiosos, fazem muitas perguntas e eu dentro do possível, juntamente com eles, tento descobrir nossas respostas, quando não sei, vamos pesquisar juntos.

Aprendemos muitas coisas. Juntos também vivenciamos situações que nos fazem refletir. Quando entramos em qualquer loja, mercado, shopping, os olhares se voltam para nós frequentemente, eles ainda não percebem, mas eu sim.

Nessa hora como mãe, tento protegê-los, mas sempre me machuco, por mim e agora por eles. Sei que não terão um caminhar fácil nesse mundo racista e desigual e que tenho que fortalecê-los para acreditarem no que digo todos os dias para eles: somos todos iguais, temos os mesmos direitos, a cor da pele é uma forma que encontraram de nos fazer acreditar que não pertencemos, não somos, não devemos alçar voos, mas que devemos nos orgulhar, nos fortalecer e acreditar que somos capazes de realizar tudo o que desejamos e tenho consciência de que sou exemplo para eles.

Durante muito tempo me fizeram acreditar que os sonhos não eram possíveis para mim, me machucaram na minha adolescência, tinha apelidos como “fuscão preto”, “tição” que me acompanharam por muito tempo, não sabia o que significavam, mas sabia que eram pejorativos e isso me magoava. Não quero isso para meus filhos. Continuam me machucando… certa vez no meu local de trabalho, fui atender
um senhor branco, de mais ou menos 50 anos, que me fez a seguinte pergunta: -Como entra água? Não entendi. E ele reforçou: - Como entra água no seu cabelo?

O que leva uma pessoa desconhecida a se achar no direito de fazer esse tipo de pergunta pra mim? Nunca tinha visto aquele senhor, estava fazendo meu trabalho em atendê-lo e ele me ofendeu de uma maneira que não esperava.

Meu dia acabou. Me senti frágil, durante horas fiquei remoendo essa situação, não tive palavras na hora para me

defender. Não respondi. Mas tive a certeza de que não deixaria ninguém mais me ferir dessa forma e pensei nos meus filhos: Quantos episódios de racismo eles ainda passarão? Vejo o que acontece no mundo com pessoas pretas. Tenho dois meninos pretos, me preocupo demais com o futuro deles. Quero ao mesmo tempo dizer a eles que podem sonhar, acreditar, voar, que esse mundo é nosso também, mas os obstáculos são maiores para nós.

Temos que ser mais fortes, mais persistentes e vamos estar sempre juntos. Acredito que não devemos *"ter aquela velha opinião formada sobre tudo"...*

Foi essa mudança que me transformou no que sou hoje: por mim, pelos meus filhos, por aqueles que vieram antes de mim e para aqueles que ainda virão…


Valquíria

Valquíria Pereira de Rezende

Val, como a chamamos em nosso território escolar, foi a primeira mulher negra que me instigou a querer conhecer sua história e registrar sua imagem, por acreditar que, por trás do seu olhar forte e ao mesmo tempo meigo e tímido, estava uma potência de mulher.

Quando o convite lhe foi feito, muitas perguntas vieram com ele: Porque eu? Porque minha história interessaria a outras pessoas?

E mais do que as perguntas, Val teve uma mudança visível de postura.

Dessa intimidade, construímos uma relação de confiança e afeto.

Valquíria Pereira de Rezende, mãe de dois filhos já adultos, um rapaz e uma mulher, teve um casamento duradouro com o pai de seus filhos, que acabou quando ele faleceu, desde então, segue sua vida solitária.

Filha de um mineiro e uma capixaba, vem de uma família muito simples, com mais 3 irmãos, um já falecido.

Com sua mãe, aprendeu o ofício das prendas domésticas, iniciando sua vida profissional também como empregada doméstica, em casas da periferia de Osasco onde veio morar ainda criança saindo do bairro da Freguesia do Ó da cidade de São Paulo, onde nasceu.

Cresceu vendo a batalha de seu pai, pedreiro, que trabalhava sem parar para trazer o sustento para casa,

colaborando com sua mãe que trabalhava em casas de outras famílias para poder sustentar a sua família.

Casada e já com seus filhos, conseguiu apenas concluir o ensino fundamental, até a antiga 8ª série, mas mesmo sem ter a oportunidade de estudar, fez questão de oferecer aos seus filhos o estudo que não teve e hoje os filhos estão se encaminhando para o ensino superior, algo até então não pensado nessa pequena família que sempre teve o trabalho como prioridade.

Na primeira oportunidade que teve, Val prestou concurso para trabalhar na limpeza da escola e foi assim que iniciou seu trabalho neste território.

Concursada e feliz por ter ingressado se sentiu valorizada pela sua própria conquista. Mas sabia que seu filho tinha uma certa vergonha em dizer sobre a sua profissão, nunca falou que sua mãe era faxineira da escola e sempre quando o questionavam, dizia que ela era inspetora de alunos.

De certa forma, Val se sentiu mais motivada a sair do seu lugar e caminhar um pouco mais.

Para se tornar inspetora de alunos, necessitava novamente passar por um concurso público e concluir o Ensino Médio, pois era o nível de escolaridade que era pedido para tal cargo.

Seus filhos a apoiaram e então se matriculou num curso de Educação de Jovens e Adultos, concluiu o Ensino Médio, prestou concurso, passou e hoje é efetiva como Inspetora de alunos, profissão que desejou e conquistou.

Gosta do que faz e faz com muita competência e carinho. É aquela que olha nos olhos, conversa, cuida, mostra o caminho. Seu jeito de ser cativa, acolhe, fortalece o relacionamento entre todos que se envolvem com

ela. Mas ao mesmo tempo que é essa potência de mulher, acredito que os rastros racistas que em sua vida deixaram

marcas a machucam até hoje, ao ponto de querer deixar entre as pedras das paredes da senzala sua história e seu olhar.

Difícil olhar pelas pedras de paredes sem janelas por onde durante mais de 300 anos nosso povo foi obrigado a olhar somente para baixo. Talvez essas sejam as duras marcas que carregamos até hoje e que para muitos, pesa demais.


Maristela

Maristela Rezende Gomes dos Santos

Conheci Estela (Maristela) através de sua mãe, que ao ser convidada para falar sobre sua história e fazer um ensaio fotográfico, na mesma hora perguntou se poderia chamar também sua filha.

Quando disse do que se tratava, que seriam fotos de mulheres pretas que poderiam ser referências para as crianças da comunidade, na hora sua mãe a colocou como uma mulher preta que também tinha muito a oferecer.

Não se enganou.

Mãe e filha, muito parecidas.

Estela, mulher tímida mas que ao chegar sua presença enche o espaço. Sua força também está no olhar.

Ao iniciar nossa conversa, Estela começa contando…

Sou filha de Valquíria e tenho a mesma profissão que minha mãe, inspetora de alunos, também concursada, sou funcionária pública.Tenho orgulho disso, pois já conquistei meu espaço muito jovem, apenas com 18 anos. Já trabalhei em shopping, lojas… Mas me sinto reconhecida pela minha conquista.

Penso muito em trabalhar, os estudos ficam um pouco em segundo plano.

Sou estudante de nutrição, em um curso técnico, mas estou experimentando para ver o que realmente gosto de fazer.

Minha mãe sempre me deu como exemplo as conquistas através do trabalho e dificilmente me vejo tendo oportunidades conquistadas através do estudo. Para estudar, precisa de muita dedicação e não tenho muito tempo para isso. Quero sim ter a minha independência financeira para depois pensar em fazer uma faculdade ou algo assim.

Penso em ser Psicóloga. Mas acho que vai demorar muito.

Não sinto que teria reconhecimento com essa profissão.

Apesar de muito jovem, a vida me mostra que tem sonhos que podem esperar, para uma mulher preta, as conquistas são feitas de duras escolhas.

Sinto na pele os olhares pelos lugares onde estou. Sou vista diferente, com desconfiança. Sou preta! Quero poder acreditar que as coisas poderiam ser mais fáceis. De certa forma, foram muito mais fáceis para mim do que para minha mãe. Mas ainda são duras as pedras no meio do caminho.

Quando vi minha imagem dentro de um espaço cultural, como uma forma positiva de estar no mundo, consegui enxergar tudo que veio antes de mim. Reuni minha família para poder fazer essa visita, planejei, registrei, divulguei…

Sinto que minha presença causou uma pequena mudança, pelo menos na minha vida.



Elenice Aparecida









Elenice Aparecida dos Santos

Seu corpo e sua alma rodopiando pelo salão chamavam a atenção de todos: homens e mulheres.

Mulheres, porque queriam dançar como ela e homens, porque queriam dançar com ela.

A noite toda, seus movimentos resultam da alegria em poder estar ali, depois de um dia intenso de trabalho como doméstica.

Era no baile "black" do subúrbio onde morava que Elenice encontrava a alegria e energia que precisava para viver.E foi numa noite, que se deparou com o que haveria de ser uma das maiores alegrias de sua vida.

José, um jovem negro, que nos finais de semana chegava ao baile radiante de alegria para a encontrar, Elenice.

Lê, como todos a chamavam, já estava suada de tanto dançar, mas ela o esperava também e ao vê-lo o sorriso em seu rosto ficava ainda mais lindo e assim continuava durante toda a noite. Ao som da música negra, se entrelaçavam… e o mundo entrava em pausa. Aquelas noites eram só deles e entre eles se olhavam, acariciavam, dançavam, sorriam e se beijavam.

Não demorou muito e Lê já estava apaixonada por José.

Os dois foram morar juntos. Tempos depois, Lê estava grávida de um menino e a felicidade não cabia mais dentro de seu peito.

Mesmo com a barriga enorme, Lê não deixava de frequentar o baile toda a semana, alí era seu refúgio e tinha José como seu companheiro.

Em uma noite, enquanto dançava, Lê sentiu sua "bolsa" estourar, correu para o hospital e não demorou muito, já estava com seu filho nos braços. Deu à ele o nome de Thiago.O parto foi normal e rápido. Lê dizia que os movimentos da dança ajudaram no trabalho de parto.

"Que negro lindo" dizia ela e José.

As dificuldades do dia a dia de uma doméstica e um caminhoneiro continuavam, mas agora, com um motivo a mais de superação para tornar a vida do pequeno Thiago mais leve que a deles.

Um dia, ao sair do trabalho, Lê foi buscar Thiago na creche para se encontrar com José no mercado, precisavam comprar o jantar daquela noite e como sempre faziam, se encontravam após o dia de trabalho para juntos irem pra casa.

Mas naquela noite foi diferente. Chegando ao mercado, Lê percebeu uma movimentação estranha e foi ver o que era.

Alguns seguranças estavam agredindo um homem negro.

Chegou mais perto. Não acreditava no que via: era José.

Correu com Thiago no colo e aos gritos tentou dizer que aquele homem era seu marido e pai do seu filho. Mas não foi vista e nem ouvida. Jogaram José no chão e o sufocaram até não ter mais ar e ali falecer.

Lê olhava para todos e custava acreditar no que estava acontecendo. Chorava desesperadamente. Thiago em seus braços olhava assustado para a mãe.

Naquela noite, não teve jantar.

Mais tarde, os responsáveis pelo mercado e pela empresa de segurança "sentiam muito" por ter "confundido" José com um homem "suspeito".

José apenas estava parado na porta do mercado esperando por sua família.

A vida seguiu muito difícil para Lê, agora sem José.

Mas Thiago estava ali e dependia de sua força. Então, a vida seguiu.

Thiago cresceu, se tornou um "negro lindo".

O coração de Lê nunca se aquietou. Sempre que seu filho saía para estudar e trabalhar, tinha muito medo dele também ser "confundido" com alguém "suspeito".

O tempo passou…

Lê voltou a frequentar os bailes blacks, lá por alguns momentos, sentia paz.

E, ao som de Jorge Ben, dançava…

"Negro é lindo,
Negro é amor,
Negro é amigo,
Negro também é filho de Deus"



Dandara



Josiane Pereira Andrade (Dandara)

Quando sua mãe chegou em São Paulo, na favela de Paraisópolis, a segunda maior do estado de São Paulo, vindo e uma pequena cidade no interior do estado da Bahia, chamada Barra do Choça, pôde se encantar com

tanta gente,

tantas casas,

tantas cores,

tantos cheiros,

tantas vozes,

muito diferente do que estava acostumada, aquilo era mágico, nunca tinha visto nada igual. Ali, cresceu e teve 6 filhos. A vida para uma mulher preta e mãe solo, não foi fácil e sua batalha foi diária.

Começava o dia deixando seus filhos na creche antes do nascer do sol, contava com a bondade da caseira da escola que se dispunha a cuidar de suas crianças até a chegada da primeira funcionária que abriria a creche para toda a comunidade. Precisava chegar ao trabalho muito cedo também e deixava o cuidado de seus filhos para outros enquanto cuidava da casa e dos filhos de outros.

E nessa rotina cresceu Josiane, uma de suas filhas, vendo a força e a determinação de sua mãe.

Josiane Pereira Andrade, batizada na capoeira como Dandara é referência para as crianças e jovens que participam dos projetos sociais dos quais é educadora. Mas, essa força que hoje carrega foi construída ao longo de sua vida.

Dandara era uma criança esperta e cheia de energia, o que fez com que sua mãe a colocasse desde cedo para participar de projetos na comunidade e a capoeira foi a sua paixão. Seus irmãos mais velhos também participaram e incentivaram Dandara cada vez mais e não demorou muito para que seu sonho de vida fosse ser Mestra de capoeira.

No meio do caminho havia pedras que fizeram Dandara pensar várias vezes em desistir mas, no meio do caminho encontrou pessoas importantes que não a deixaram desanimar.

Aos 23 anos perdeu sua mãe, maior referência, seu porto, seu chão e um dia depois, perdeu seu irmão, aquele que sempre estava ao seu lado, mostrando o quanto deveria ser forte.

Abandonou a Capoeira.

Passou por muitos episódios que a destruíram por dentro, foram dias de desespero.

Novamente a capoeira veio transformar sua vida. Resolveu retornar e procurou por seu último mestre. Com muita vergonha e receio em não ser aceita, pediu para voltar e foi acolhida. Seu mestre a encorajou e a fortaleceu para que pudesse ser Dandara, aquela que é guerreira, que luta por igualdade, que é referência para as mulheres negras.

Na capoeira novamente se reconheceu e hoje tem consciência da importância de projetos sociais dentro de comunidades periféricas, pois é fruto de um deles.

Muitas crianças e jovens da comunidade de Paraisópolis, onde nasceu e vive até hoje, se inspiram na força de sua voz quando joga seus versos, nos seus gestos quando ginga e na sua beleza negra.

A beleza que por muito tempo foi desfeita alisando seus cabelos por achá-los feios, mas que hoje são marcas de um povo que ainda tem que lutar todos os dias para mostrar seu valor. Sorte nossa que temos guerreiras como Dandara.

INTRODUÇÃO PREPARATIVOS DA COSTURA AS

IMAGENS A LINHA **A COSTURA** O SUPORTE

O ponto Atrás

Durante o processo desta pesquisa, algumas oportunidades de ampliar o trabalho para além dos muros da escola foram acontecendo: congressos, seminários, exposições, publicações... E para dentro da escola, inquietações e questionamentos: Como podemos mudar o olhar de educadoras(es) e estudantes que estão inseridos em um processo de ensino aprendizagem que se repete e que se apresenta como uma única forma de pensamento e de experiência? *Fissuras* começaram a surgir pelos corredores. As questões foram muitas, mas para chegar de fato a uma ação de mudança, ainda pode levar algum tempo.

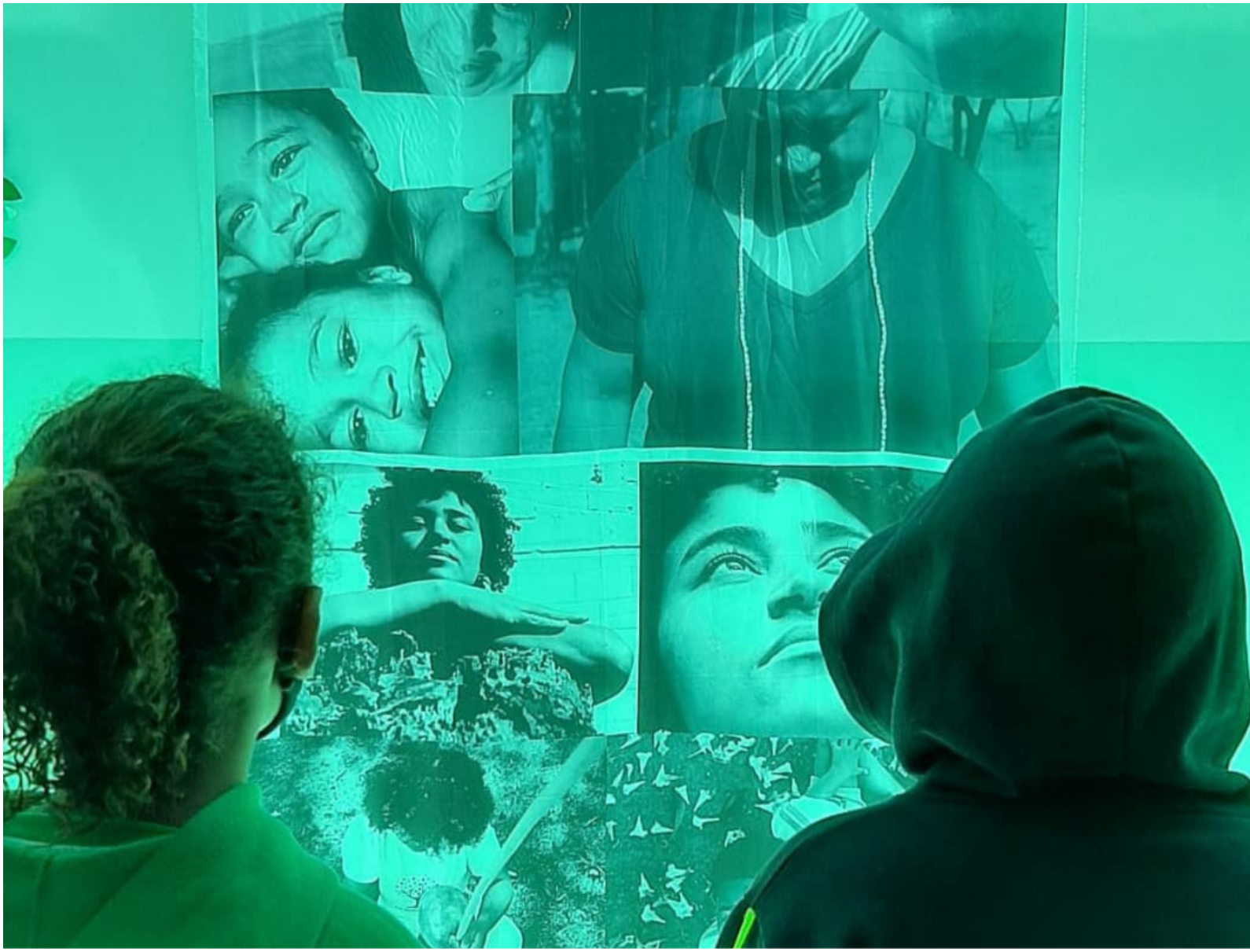
Envolvemos toda a escola a partir das experiências, em um ambiente de comunidade, que segundo hooks:

> cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une. Idealmente, o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender - de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo. Segundo minha experiência, um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. (2017, p. 58).

Compartilho da necessidade de ampliar esse conhecimento para além da sala de aula, tornar a escola como um todo, esse ambiente de comunidade que ensina e aprende ao dar corpo e voz e como continua hooks em uma outra publicação, quando compartilhamos nossa *"(...) 'luz interna', temos o caminho para vislumbrar quem somos e como podemos aprender juntos.* (2020, p. 48).

Com nossas "luzes internas", a luz negra, iluminamos outros espaços...

As imagens vistas, reveladas, propostas ao olhar, se costuram de forma sutil no meio de um apagamento imposto pela colonialidade, mas, quando retiradas das memórias, do cesto, de trás das funções sociais, se encontram em encruzilhadas propondo possibilidades de olhar e agir, "*Ao olhar corajosamente, declaramos em desafio: Eu não vou só olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade*" (hooks, 2019, pg. 216).









Exposição na escola
novembro de 2021
fotos: acervo pessoal





Exposição no Centro de Formação de professores do município de Osasco
Novembro/2021
fotos: acervo pessoal





Exposição na escola
durante a festa da diversidade
Dezembro/2021
fotos: acervo pessoal

Novembro/2021

A primeira vez que o painel de fotos em tecido foi visto nos corredores da escola os comentários começaram a surgir, primeiramente pelas funcionárias e funcionários que admiraram a beleza das fotos e a maneira como elas estavam sendo expostas. Logo depois, as mulheres que foram fotografadas me procuraram para verbalizar sobre a alegria que estavam sentindo em ver materializado o trabalho que havíamos feito até aquele momento e deixaram seus depoimentos registrados em um formulário que elaborei (através do google formulário e enviado pelo whattsApp em setembro de 2022) para que toda a comunidade escolar pudesse expor suas impressões:

"Um trabalho fantástico de muita importância na vida de todas as crianças, pais e a comunidade como um todo. Inserir uma educação antirracista que desnaturaliza o racismo como comportamento é essencial no ensino, principalmente o ensino voltado para as nossas crianças. Como resultado, promoverá relações mais saudáveis entre as pessoas, fortalecendo nossa identidade, empoderando nossa cultura, trazendo senso de pertencimento de toda luta e conhecimento da história de nossos ancestrais". (Camila, mãe de alunos e colaboradora do projeto).

Não demorou muito para que as e os estudantes começassem a perguntar quem eram aquelas mulheres, identificando-as e irem até elas para relatar o que achavam do trabalho. O maior movimento que esse tecido realizou foi na auto-estima de cada mulher que ali estava representada e em toda comunidade escolar, seus comentários, as falas das colegas de trabalho, dos familiares, foram muito positivas.

"Este trabalho valida quem sou, mostra que todos somos pessoas com sentimentos, desejos, belezas e que todos os lugares devem ser palco para que sejamos protagonistas de nossas histórias. Chega de trazermos para nossas vidas conceitos de que o lindo e o que é sábio é o que tentam nos empurrar garganta abaixo" (Silvana, professora polivalente da escola).

"Trabalhos envolventes que, na prática, trouxeram momentos de reflexão sobre diversidade, preconceito, racismo e elevação da auto-estima". (Maria Aparecida, vice-*diretora da escola),*

Também, através deste questionário, pude perceber as relações da comunidade escolar sobre questões raciais, perguntando como cada uma (um) se auto declara em relação à sua cor. Das 22 respostas, tivemos 45,5% de brancas, 27,3% pardas e 27,3% pretas. Havia também a opção indígena, que não registrou nenhuma resposta.

Nota-se que metade das educadoras se autodeclaram brancas e a outra metade negra (divididas em pretas e pardas), nesse contexto, Sueli Carneiro[44], importante pensadora negra brasileira, trata a questão da diversidade dentro da negritude, como um grande problema para a população negra brasileira, onde o embranquecimento enfraquece a identidade negra e o movimento negro, gerando muitas dúvidas. Em artigo publicado no portal Geledés[45] ela diz:

[44] Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro, Aparecida Sueli Carneiro Jacoel nasceu em São Paulo em 1950. É Doutora em Filosofia pela USP e fundadora do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, sendo considerada uma das mais relevantes pensadoras do feminismo negro no Brasil. Disponível em:<http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1426-sueli-carneiro> Acesso em: 12/03/2023.
[45] Disponível em: < https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/ > Acesso em: 12/03/2023.

> Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de serem representados em sua diversidade.

Nesse movimento de pertencimento a (o) educadora(o), consciente da sua própria identidade e do seu contexto é força potente na luta por uma educação antirracista.

"Projeto amplo em sua dimensão da expressão humana, de um olhar sensível ao belo, ao amor por quem está próximo, valoriza a cultura e os dons que cada um imprime pelo fato de ser um agente transformador em uma sociedade múltipla, fortalece o pertencimento e a história de vida de cada um com uma grande riqueza de possibilidades". (Conceição, professora polivalente da escola).

"Um trabalho embasado na conscientização sobre a cultura afro brasileira, trazendo consigo um importante papel na educação, pois torna-se cada vez mais importante apresentar para a nova geração noções de autoconhecimento e respeito à diversidade racial e cultural" (Fabiana Maciel, professora de inglês da escola).

"Sou suspeita... trabalhos que envolvem o protagonismo do aluno e permite que ele construa junto com a professora, são trabalhos muito mais significativos para todos os envolvidos, inclusive, os alunos se reconhecem em seus trabalhos e não há preço que pague esse resultado. (...) Entendo que depois de pronto, este trabalho será uma forte referência para muitos e especialmente para o povo Osvaldiano, eu mesma farei uso e estudos com meus alunos, justamente porque você retrata e eleva uma transparência, mostrando a igualdade, o empoderamento, a beleza e a liberdade que toda e qualquer pessoa carrega somente pelo fato de existir. Quando

olhamos o transparente, a cor perde a importância nos levando a um olhar único, SOMOS TODOS IGUAIS e cada um sendo seu próprio universo colorido carregando suas bagagens, passagens e suas potentes e vivas histórias. "(Irani, professora polivalente da escola).

Exposição "Novembro Negro" no Centro de Formação dos professores de Osasco

"Aquela moça ali, com o lenço no pescoço, mora na minha rua... Eu a conheço!"

Esse depoimento foi de uma funcionária do Centro de Formação de professores de Osasco que estava presente no momento da montagem da exposição.

O reconhecimento se deu no primeiro olhar, o diálogo sobre esse encontro foi tomando forma e ampliando uma conversa que começou com a alegria de uma mulher, também preta, de se ver representada por sua vizinha. O impacto das imagens geram questionamentos que muitas vezes não encontramos nos espaços onde frequentamos. Grada Kilomba fala sobre a importância da nossa presença e nossa voz enquanto mulheres pretas:

> Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se "especialistas" em nossa cultura, e mesmo em nós. (KILOMBA, 2019, p.51).

As relações de poder que já estão pré-estabelecidas precisam ser questionadas criando possibilidades para repensarmos nossos posicionamentos enquanto corpos educadores presentes em qualquer espaço.

Localizado no centro de Osasco e destinado à formação de professores da rede municipal, este espaço de formação conta com salas equipadas com lousa digital, uma biblioteca, um teatro, dois grandes pátios e uma cozinha.

Há alguns anos, acontece todo o mês de novembro, uma grande exposição, envolvendo todas as escolas do município com resultados dos trabalhos desenvolvidos durante o mês da “consciência negra", em novembro, único momento do planejamento municipal dedicado a se trabalhar tais questões. Um problema que há tempos, nós arte-educadores tentamos mudar, fazendo com que a lei 10 639/2003[46], que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", seja de fato cumprida e não lembrada somente como uma data comemorativa.

No ano de 2021, nossa escola levou o painel das fotos para essa exposição a fim de evidenciar a força que a imagem dessas mulheres carregam, ampliando o diálogo sobre representatividade em diferentes contextos.

Formação de Professores da Prefeitura do município de Osasco e Sesc Osasco

Em parceria com o Sesc Osasco sob coordenação de Laura Andreatto, educadora do espaço de tecnologia e artes do Sesc, realizamos a formação dos professores de Arte da rede municipal de

[46] Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm > Acesso em 13/03/2023.

Osasco, seguindo o calendário de formações bimestrais da Secretaria da Educação.

Para essa formação, pensamos em conjunto, oferecer aos professores um repertório voltado à pesquisa, apresentando trabalhos de professores-pesquisadores que ingressaram no Prof-Artes do Instituto de Artes da Unesp em 2021. Para isso, fiz o convite para a turma dos quais, juntamente comigo, quatro professores-pesquisadores se propuseram a falar sobre sua trajetória de pesquisa dentro da escola.

Elaboramos um cronograma de apresentações que se estenderam por dois dias nos quais abordamos temas como racismo, dança, música e gênero nos espaços educativos.

A proposta de abrir este espaço de diálogo entre a escola e a universidade, possibilitou uma conversa mais ampla com professores que não se enxergam como pesquisadores e que muitas vezes, se entregam ao comodismo das rotinas.

Inquietações foram geradas e trocadas a fim de causar um certo movimento dentro de suas práticas. A avaliação final da formação se deu por comentários feitos através de um formulário (Google forms) com 121 respostas que no geral, foi uma avaliação positiva, exatamente pela troca, ampliação de repertório e pelos temas abordados.

Laura Andreatto abriu a formação com um trecho da Carta de Paulo Freire aos professores costurando conexões ao Mestre Ignorante de Rancière, embasando a concepção do professor na sua autonomia e emancipação. Também apresentou alguns educativos de museus que possibilitam um olhar crítico e que pode ser trazido para o "chão da escola" [47].

[47] O material criado por Laura Andreatto para a formação dos professores, pode ser encontrado no link: <https://read.bookcreator.com/Py3fRBb1gcX4UPInjxsIv0YQYyj2/0SbWAQUdSMSIhX7I2IGo5A> Acesso em 13/03/2023.

Apresentei minha pesquisa[48] na qual compartilhei o banco de imagens produzido, o processo e algumas atividades práticas desenvolvidas que foram embasadas em uma educação antirracista.

Ainda consigo colher os frutos deste trabalho. Nas formações do ano de 2022, alguns professores me procuram com o desejo de ampliar essa proposta com questionamentos sobre arte decolonial, referências e o banco de imagens criado.

Dezembro/2021

Festa da Diversidade encerramento do ano letivo.

As fotos impressas em um tecido transparente foram para a quadra da escola, onde aconteceram apresentações de final de ano de todas as turmas. A escola foi aberta para a comunidade escolar que pode fruir as imagens que, sobrepostas as árvores e ao céu azul que se apresentava naquele dia, trouxeram uma outra atmosfera de sensações. As famílias das mulheres retratadas estavam presentes e fizeram questão de guardar registros do trabalho.

[48]Material criado por mim, utilizado na formação dos professores disponível em:<https://www.canva.com/design/DAEsuOTXiMs/sC3XdKcgMb1KvyDUYyL1RA/edit?utm_content=DAEsuOTXiMs&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton> Acesso em: 13/03/2023.



criação e edição do vídeo/ video creation and editing:
Janaína Farias de Souza Ferreira

Modelos / Models: Camila, Cláudia, Dandara, Elenice, Lucas, Marcela, Maristela e Vítor

ao fundo, áudio de trechos sobrepostos das histórias de vida dos participantes do projeto

in the background, audio of overlapping excerpts from the life stories of the participants in the project

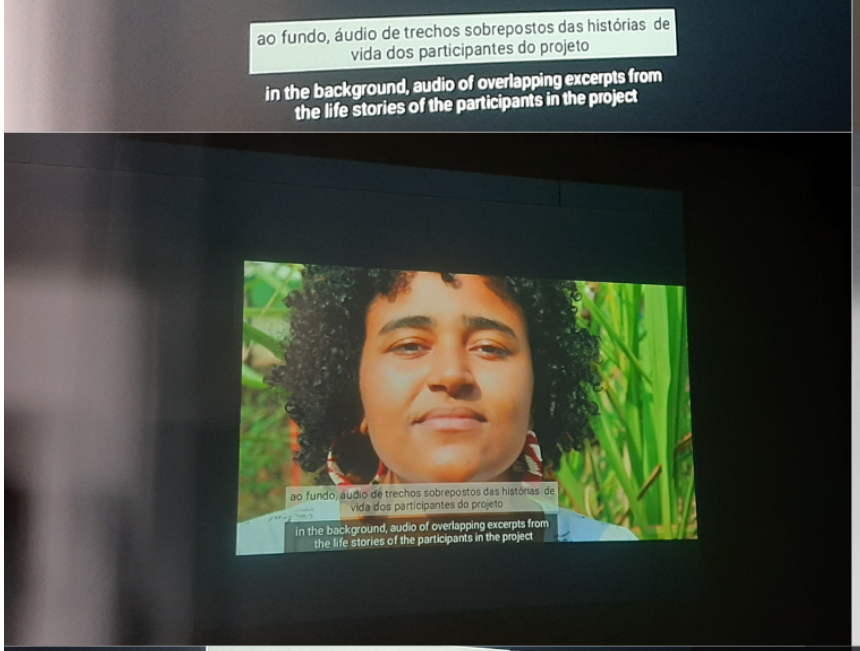
Memória da população negra: possibilidades para repensar as registro e conservação do patrimônio moderno. Roteiro Linha F
Eneida de Almeida (São Paulo – SP, Brasil / 1958)
2'45"

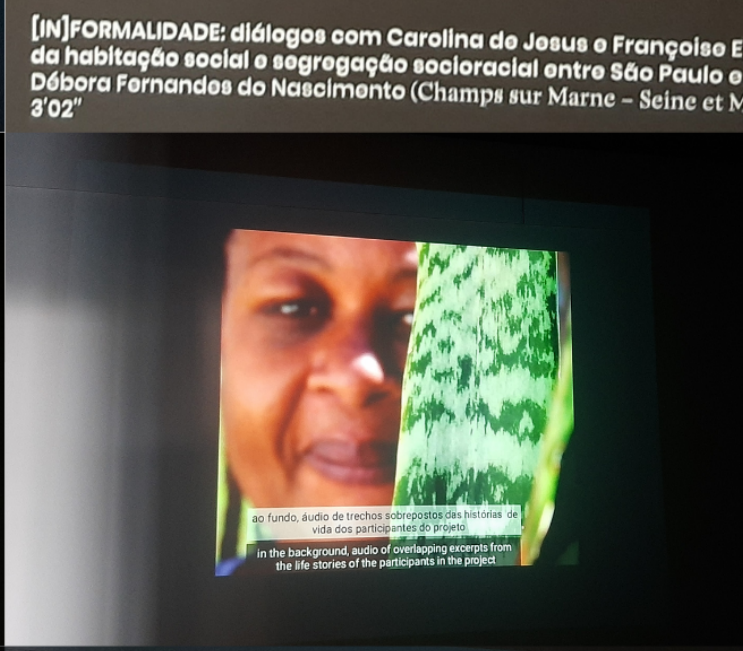
Cartografia dos não-abraços: mandingas de encantaria, 2022
Raquel Santos (Santo André – SP, Brasil / 1983)
3'01"

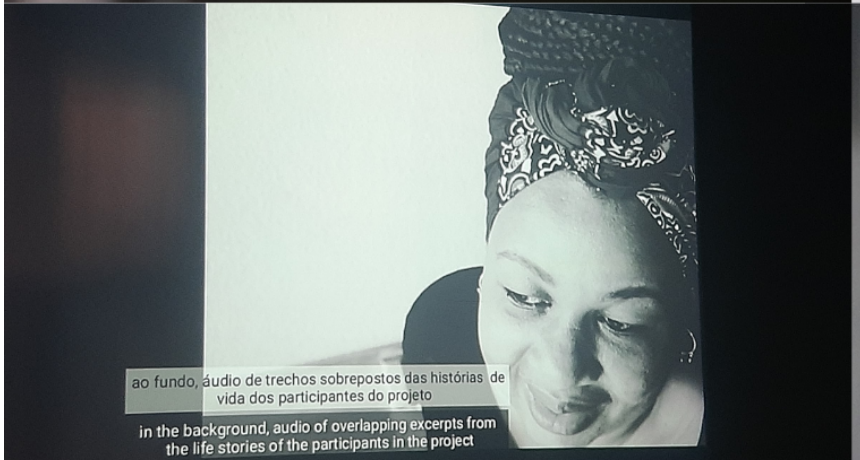
Olhares Negros Quirino, 2022
Janaína Farias de Souza Ferreira (Osasco – SP, Brasil / 1979)
2'58"

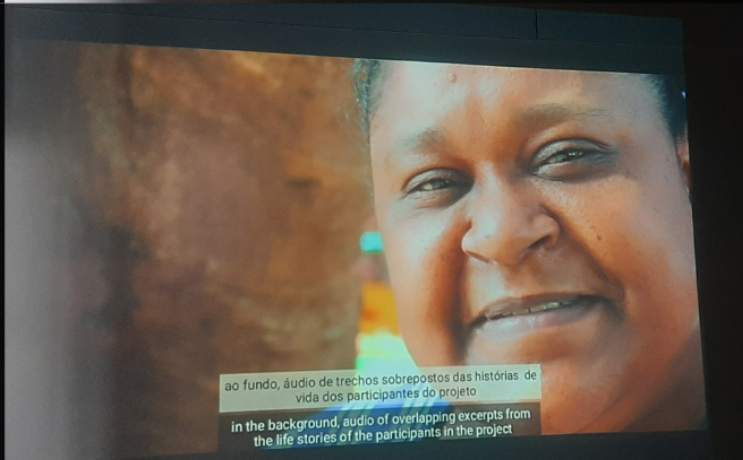
Pedagogia da Quermesse: universidade, reprodução e cozinhas
Luisa Bissoni de Souza (São Paulo – SP, Brasil / 1996)
3'48"

[IN]FORMALIDADE: diálogos com Carolina de Jesus e Françoise E da habitação social e segregação socioracial entre São Paulo e
Débora Fernandes do Nascimento (Champs sur Marne – Seine et M
3'02"











criação e edição do vídeo/ video creation and editing:
Janaína Farias de Souza Ferreira

Modelos / Models: Camila, Cláudia, Dandara, Elenice, Lucas, Marcela, Maristela e Vítor

ao fundo, áudio de trechos sobrepostos das histórias de vida dos participantes do projeto

in the background, audio of overlapping excerpts from the life stories of the participants in the project

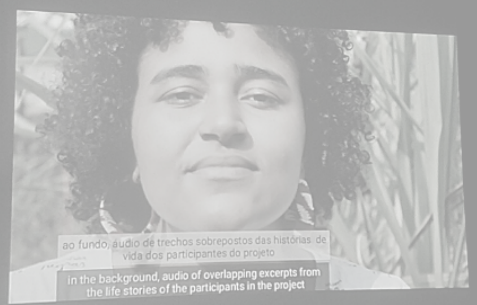
Memória da população negra: possibilidades para repensar as
registro e conservação do patrimônio moderno. Roteiro Linha P
Eneida de Almeida (São Paulo – SP, Brasil / 1958)
2'45"

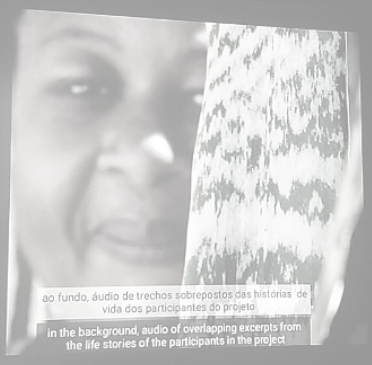
Cartografia dos não-abraços: mandingas de encantaria, 2022
Raquel Santos (Santo André – SP, Brasil / 1983)
3'01"

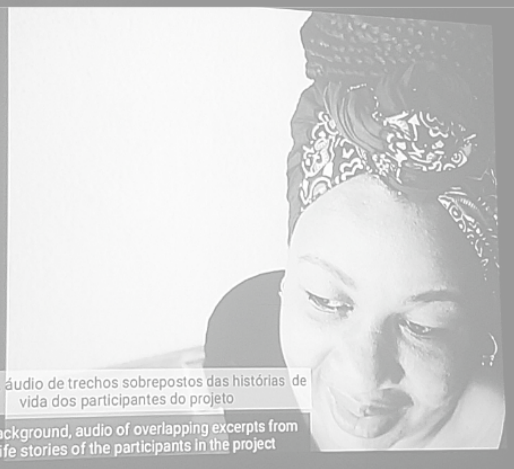
Olhares Negros Quirino, 2022
Janaína Farias de Souza Ferreira (Osasco – SP, Brasil / 1979)
2'58"

Pedagogia da Quermesse: universidade, reprodução e cozinhas
Luísa Bissoni de Souza (São Paulo – SP, Brasil / 1996)
3'48"

[IN]FORMALIDADE: diálogos com Carolina de Jesus e Françoise E
da habitação social e segregação socioracial entre São Paulo e
Débora Fernandes do Nascimento (Champs sur Marne – Seine et M
3'02"









13ª Bienal Internacional de Arquitetura
vídeo exposto no Centro Cultural São Paulo
Abril a Julho de 2022
fotos: arquivo pessoal

Abril à Julho/2022

13ª Bienal Internacional de Arquitetura

Fui contemplada pelo edital do Educativo *Tramas e Costuras* da 13ª Bienal Internacional de Arquitetura apresentando um vídeo[49] elaborado para o evento com fotos e áudios das histórias narradas pelos participantes deste projeto de pesquisa.

O vídeo foi exibido durante os meses de junho e julho de 2022 no Centro Cultural São Paulo como parte da ação educativa da mostra e antes da mesa de debate: *Cartografia da desigualdade social e pandemia,* como apoio para o diálogo, dentro da programação do evento, que aconteceu no dia 09 de junho de 2022 de forma online.

O convite para visitar a exposição foi feito para toda a comunidade escolar e recebido com grande entusiasmo.

Durante a minha visita, conversei com alguns mediadores de público da exposição e recebi o relato de que o vídeo estava sendo visto por muita gente.

Muitos comentários e elogios ao trabalho por parte de alguns colegas professores e perguntas interessadas da nossa inspetora de alunos, Valquíria, que não autorizou sua imagem mas que se mostrou muito motivada em ver a filha e conhecer por onde a pesquisa estava caminhando.

[49] Disponível em: < https://www.youtub0mwe.com/watch?v=zohFZn-c> Acesso em: 14/03/2023.





Lambe-lambe
armário da sala de Arte
Abril de 2022 até a presente data
fotos: acervo particular

Abril/ Maio 2022

Lambe-Lambe

"O que produzimos e trazemos para o mundo de alguma forma se relaciona com o outro"

Palavras ditas pela professora Rita Bredariolli durante sua aula de Poética das Imagens no primeiro semestre de 2021 na pós graduação no Instituto de Artes da Unesp, anotadas em meu caderno e que se conectam com a proposta da construção de um lambe-lambe com as fotografias do arquivo @olhares_negros_quirino.

A partir da construção do lambe-lambe sobre um armário de metal na sala de Arte, pude observar como essas imagens se relacionam com as pessoas que se utilizam desse espaço, durante as aulas ou em outras atividades.

A beleza do trabalho foi apontada por todas e todos que observaram as fotografias. A técnica, as impressões em preto e branco foram levantadas como possibilidade de um trabalho bem acessível.

Quanto ao "não-dito", os estudantes levantaram algumas questões:

"Professora, são todos negros? Então, eu também devia estar aí? (Kiara, 11 anos).

"São mulheres que aparecem nas revistas" (Kamilly, 8 anos).

"Eu conheço uma delas, ela mora na minha comunidade" (Valentina, 7 anos).

Percebendo a educação como uma prática da liberdade, os olhares críticos dos estudantes foram instigados a relatarem muito mais do que estavam vendo e as mulheres ali "expostas", para que as narrativas fossem construídas, contribuíram para o que bell hooks diz sobre fortalecer e capacitar estudantes e educadores,

> Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo" (2027, p. 35).

Entendendo todos nós que estamos no território escolar, como parte do processo de aprendizagem, olhar para essa educação que proporciona saberes muito além do que estão descritos nos currículos formais, nos desconecta das práticas institucionais do dia a dia que ajudam a manter a cultura dominante.

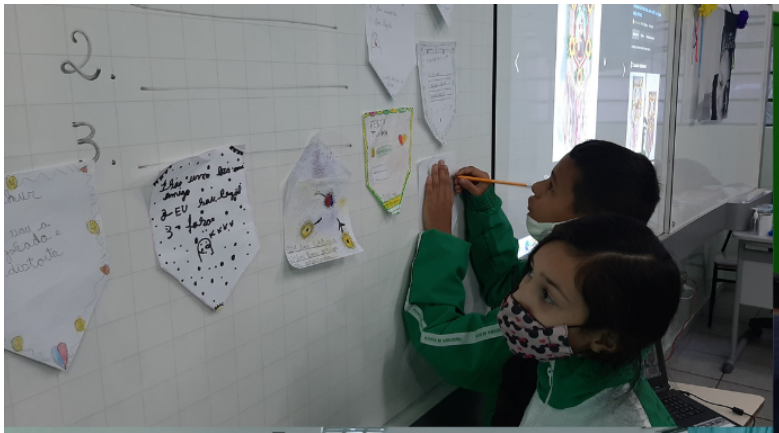
O (não) reconhecimento e o (não) pertencimento também foram vistos de algumas formas, positivamente, quando fui questionada por mais de um estudante que ele também deveria fazer parte das fotos por se reconhecer como negro, mas também, observei questionamentos mais complexos, como por exemplo, esse diálogo entre duas crianças da mesma turma:

"Professora, não pode falar negro por que é racismo e falta de respeito" (Nicolas, 8 anos).

"Não é isso não! Ser negro é questão de orgulho, eu sou negra e minha família diz que devo me orgulhar, porque não temos diferenças entre nós, a cor da pele não quer dizer nada" (Laura, 8 anos).

Essas falas, caracterizam a relação que o ensino sobre a população negra tem em nossas escolas, quando associamos a negritude somente a história da escravidão e não evidenciamos todo o conhecimento que há em cada indivíduo e seu povo, reconhecendo, como nos relata Djamila Ribeiro que, *"O primeiro ponto a entender é que falar sobre o racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural."* (2019, p.9).

Os movimentos que devemos fazer para que haja uma importante mudança social se faz entendendo o racismo como estruturante em nossa sociedade, adotando e validando práticas antirracistas em qualquer lugar que estejamos, dentro ou fora dos espaços de educação formal, em nossas relações sociais, sendo a família, a primeira delas, como nos mostra o relato de Laura.


2.
3.




3 QUALIDADES


art teen




CUIDADO OVO











Criação dos estadartes pessoais
Junho e julho de 2022
fotos: arquivo pessoal





Exposição dos estandartes
na festa junina da escola
julho de 2022
fotos: acervo pessoal

Junho/ Julho 2022

Estandartes

Baseada na Abordagem Triangular do ensino de arte, idealizada por Ana Mae Barbosa, realizamos leituras das imagens partindo das referências de estandartes produzidos com as fotografias do arquivo @olhares_negros_quirino.

Os estandartes que iniciaram a leitura foram os confeccionados por mim, recortando as fotos impressas do primeiro trabalho produzido colando-as em hastes de alumínio doadas gentilmente por José Antônio, um amigo que trabalha em uma serralheria. A costura das bordas foram realizadas por minha mãe, Maria Helena. O trabalho envolveu mais do que a comunidade escolar, abraçou os que pertencem ao meu círculo de amizade e familiar, provocando um grande interesse no resultado final e movimentando outros territórios.

Posteriormente, os estandartes produzidos pelos estudantes agregaram nossas referências e ampliaram as possibilidades de leitura das imagens.

Contextualizamos a ideia de que o estandarte é uma espécie de bandeira que surgiu desde os primórdios da história da sociedade como uma necessidade humana de representação e podem ser utilizadas como símbolos de poder (reis, grupos, santos). O principal objetivo foi trazer a ideia de empoderamento para cada participante, como parte integrante de uma comunidade viva e forte.

As imagens vistas de forma positiva e enriquecedora quanto às diferenças que foram representadas em cada estandarte, tornaram a prática ainda mais significativa enquanto uma ação antirracista dentro da escola. Sobre a valorização da representação enquanto força potente de cada indivíduo, podemos destacar mais uma vez, bell hooks

> Distanciando-se da noção de que a semelhança é a chave para a harmonia racial, ativistas feministas conscientes têm insistido que a luta antirracista avança melhor com uma teoria que fale sobre a importância de admitir que o reconhecimento e a aceitação positiva da diferença são um ponto de partida necessário enquanto trabalhamos para erradicar a supremacia branca. (2019, p.51).

O fazer, se deu através da linguagem das artes plásticas onde cada estudante confeccionou o seu próprio estandarte, utilizando recorte, colagem e pintura da sua própria imagem fotografada por mim e impressa em preto e branco.

Concluímos com a exposição realizada durante a festa junina da escola, momento em que há uma enorme participação de toda a comunidade.

Esta pesquisa, que percorreu por muitos espaços, tornou-se pulsante dentro de mim ao me fortalecer como mulher negra através dos olhares de outras mulheres negras das quais juntas, ampliamos possibilidades para nossas existências e ao conhecer nossas histórias, caminhamos para onde não éramos vistas e nem sequer sabíamos do que éramos capazes de significar apenas com a presença dos nossos corpos: corpos estes, que passaram a habitar diversos lugares, tornando-se *corpos-territórios.*

A construção da ideia de corpo-território, baseada nas palavras e estudos de Eduardo Miranda (2020), tornou possível a aproximação da teoria e prática também descritas por Paulo Freire e bell hooks, quando falamos de uma educação libertadora onde a experiência é parte essencial de nossa existência e construção de conhecimento,

> Portanto, pretendemos destacar que ter a dimensão do nosso próprio corpo só se é possível pôr e a partir das experiências, as quais não devem ser confundidas com o acúmulo de informações ou excesso de dados codificáveis socialmente. Pelo contrário, é vislumbrar o corpo como o espaço de sentimentos, de afetividades, de exposição para se permitir ser tocado pelo outro, pelas vivências que articulam as territorialidades. (MIRANDA, 2020, p.34).

Nossos corpos são a prática e a teoria dentro e fora do ambiente escolar, somos parte do todo,

> Portanto, viver a teoria na prática do cotidiano ultrapassa o simplório papel de alfabetização de incumbência das escolas. Alfabetizar os corpos-territórios não garante torná-los sujeitos portadores de criticidade. Alfabetizar a população para a democracia exige da educação o

> desenvolvimento do educando que confronte, tensione, seja partícipe ativo das contestações de tudo que circunda o seu corpo-território. (MIRANDA, 2020, p.39)

As histórias de todas essas mulheres que compuseram as imagens desta pesquisa trouxeram uma outra possibilidade de olhar para dentro do espaço escolar e nos espaços por onde foram vistas mas, principalmente, em suas próprias formas de olharem para si mesmas: suas posturas dentro da escola mudaram: batons foram vistos em seus lábios, brincos em suas orelhas, turbante em suas cabeças, guias em seus pescoços, tranças em seus cabelos, orgulho em seus olhos que reflete nos estudantes e em todos os que habitam este espaço escolar, uma mudança singela na ideia de educação que queremos construir a partir da possibilidade de nos tornarmos protagonistas na construção de nossas narrativas, conscientes de que somos porque existimos.

Uma existência que tensiona um modelo de educação do qual não nos pertence mais, é necessário libertá-lo. Não sobrepondo ao que já existe, afinal de contas a identidade brasileira é formada por várias formas de ver o mundo, a dos povos originários, dos africanos e europeus, sem entender esses conhecimentos de forma hierárquica mas como uma encruzilhada onde uma hora se encontram e se transformam a partir desse cruzo.

Respeitar essa multiplicidade dentro do espaço escolar e também fora dele pode ser uma maneira de entender o papel da educação na vida de cada indivíduo e da sociedade.

Conhecer outras epistemes a partir de outras visões, também é uma forma de olhar para nós e para o outro como um ser inacabado ,

um corpo que se encontra e ao se encontrar, se expande por múltiplas territorialidades.

Nanã que te deu a lama da vida
Exu que te deu o movimento para transitar
Nessas encruzilhadas Olodumaré te criou
Vá com bases nutrir transformações
Quebre o sólido
Brote no impossível
Banhe o encharcável
Transite pelo indisponível
Viva o corpo-território-lama
Atravesse o diferente
E o deixe te rachar
Respeite o seu tempo
Só não esqueça que o mangue precisa se movimentar[50]

Não terminou aqui a costura dessa pesquisa, *o mangue precisa se movimentar.*

[50] Texto de Eduardo Miranda que faz parte do seu "Diário das trocas de peles", escrito em 2018, disponível em seu livro Corpo Território & Educação Decolonial de 2020, p.135.

[Referências Bibliográficas]

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Tradução Júlia Romeu - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BREDARIOLLI, R. L. Bi. Metodologias para o ensino e aprendizagem de Arte. In: **Artes** - Rejane Galvão Coutinho, Klaus Schlünzen Júnior (e) Elisa Tomoe Moriya Schlünzen (coordenadores). São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista: Núcleo de Educação a Distância (2013). (Coleção Temas de Formação; v.5).

BREDARIOLLI, Rita, L. DINIZ, Auna. FREITAS, Felínio. FERREIRA, Janaína F. de S. SANTOS, Raquel. DARWIN, Marinho. LOPES, Rodrigo. SASKA, Jennifer e LOPES, Levi F. **A memória da presença**. Anais do seminário corpas, saberes e territórios nas artes e na educação(2022). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/242529> Acesso em: 23/03/2023.

DUARTE, L.C., NUNES,I.R.(org.) **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

_____. **Olhos D´água.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FIGUEIREDO, Angela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67ª ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Tradução Marcela Vieira, 1ª ed. São Paulo: Bazar do tempo, 2021.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, volume 1**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOMES.F., LAURIANO J., SCHWARCZ L.M. **Enciclopédia Negra.** 1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUZZO, Morgani. Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Portal Geledés, 28/07/2021 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/> Acesso em: 23/03/2023.

hooks, bell . **Olhares Negros: Raça e Representação.** 1ª edição. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

_____.**Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª edição. São Paulo:Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. tradução Bhuvi Libanio.São Paulo: Elefante, 2020.

_____.**Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. tradução Kenia Cardoso: São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de racismo Cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. 1ª edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do corpo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRANDA, Eduardo. **Corpo-território & Educação Decolonial**. Proposições afro-brasileiras na invenção da docência.1ª edição.Salvador: EDUFBA, 2020.

PEREIRA. Amilcar Araújo (org). **Narrativas de (re) existência: antirracismo, história e educação.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás**. 1ª ed. São Paulo: Seguinte, 2017.

_____. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS,Raquel.; FERREIRA, Janaína F. de S.; SILVA, Gilvânia S. **Pode uma mulher negra existir? Histórias para gente disposta**. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 7, n. 3, 2022. DOI: 10.5965/24471267732021082. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21124.> Acesso em: 18 jul. 2022.

SCHUMAN. Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018.

[Audiovisuais]

13ª BIAsp. **[tramas&costuras] Olhares Negros Quirino** (Libras e AD). Janaína Farias de Souza Ferreira (Osasco - SP, Brasil, 1979). 27 de junho de 2022. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=niQj9QpSUZs> Acesso em 23/03/2023.

Das avós. Rosana Paulino (2019). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9-V3n1cPnlI . Acesso em 27/05/2022.

FERREIRA. Janaína F. de S. **@olhares_negros_quirino**. Osasco. Julho de 2021. Instagram. Disponível em:<https://www.instagram.com/olhares_negros_quirino/> Acesso em: 03/03/2023.

INSTITUTO TEAR. **Escrevivência, Oralitura.** transmitido ao vivo em 03/09/2021. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=GMse92ubeXY&t=4702s> Acesso em: 04/03/2023.

LEITURAS BRASILEIRAS. **Conceição Evaristol Escrevivência**. 6 de fev. de 2020. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY> Acesso em 04/03/2023.

Mano Brown recebe Sueli Carneiro. Mano Brown. São Paulo: Mano a Mano. 26/05/2022. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr . Acesso em 28/05/2022.

Noemia Varela, uma vida, fazeres e pensares (2018) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uo6vmtCovFw> Acesso em 20/02/2022.

PROJETO QUERINO. Podcast. Disponível em: <https://projetoquerino.com.br/podcast/> Acesso em: 26/03/2023.

TED. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma história única**. 7 de out. de 2009. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ> Acesso em 07/03/2023.

anexos

Como parte da costura, transcrevo as entrevistas realizadas com as mulheres fotografadas para o projeto que serviram de base para a criação dos contos que fizeram parte do capítulo A LINHA.

As entrevistas ocorreram de forma semi-estruturada, na própria escola e foram sendo costuradas conforme o envolvimento e suas vontades de serem vistas e descobertas.

Marcela Aparecida Facchini Costa - Entrevista realizada em : 27/07/2021.

Janaína -De onde você veio? sua formação?
Marcela -Tá bom! Começa agora?
Janaína -Pode falar...
Marcela -Então, meu nome é Marcela - nome todo?
Janaína -Pode ser...
Marcela -Marcela Aparecida Fachini Costa. Eu tenho 48 anos. Eu aqui na EMEF, na escola, trabalho na secretaria como oficial de escola, que consiste em atender os pais, a comunidade, os professores, na parte (...) realizando documentação, fazendo matrículas, tudo o que precisa na parte administrativa da escola.
Janaína -Já está a quanto tempo aqui?
Marcela -Eu estou aqui desde 2012, entrei em abril de 2012. Antes disso, eu trabalhava como cuidadora de idosos. Na verdade, profissionalmente eu comecei com atendente no Mc Donald´s, foi meu primeiro emprego com 15 anos de idade. Trabalhei em dois lugares... com essa idade eu trabalhava no Mc Donald´s e na Companhia de Engenharia e Tráfigo de São Paulo. E aí quando lá ficou mais estabilizado, eu saí do Mc Donald´s e comecei trabalhar só na Companhia de Engenharia. De lá, eu fui pra Ebraica, que é um clube judaico em São Paulo, trabalhei também na Tesouraria
Janaína -Tudo na parte administrativa?
Marcela -Na parte Administrativa, com atendimento. Então eu trabalhava fazendo a matrícula do associado, cancelamento, toda a parte que precisava ali na tesouraria...
Janaína - E a sua formação, você tem...
Marcela - Eu fiz até o Ensino Médio... porque eu parei??? É... por várias decisões aí.... primeiro, eu perdi meu pai no mesmo ano praticamente, uns dois anos antes, engravidei muito cedo, com 18 anos, então...ficou difícil conciliar o estudo.... eu não tinha apoio, vamos dizer assim, de alguém que pudesse cuidar da minha filha enquanto eu estudava.

Então eu terminei o segundo grau. Uma coisa que eu fiz muito enquanto estava no segundo, terceiro ano, tentar umas quatro vezes, não sei se mudou o nome agora mas, era a FUVEST, para entrar na USP, e todas as vezes que eu tentei era para fazer Direito, era o meu sonho. Ele foi o meu sonho, antes eu queria jogar Basquete, joguei vôlei durante dois anos pelo Bradesco, no Rio de Janeiro mas o que eu sempre quis foi querer jogar Basquete, e acabou que tudo aconteceu quase ao mesmo tempo, perdi meu pai aos 15 anos e minha mãe tinha só 7 filhos filhos para criar numa escadinha e um na barriga. Então, eu parei de estudar por isso.

Janaína -Saiu do Basquete, do vôlei?

Marcela -Saí de tudo e fui trabalhar em dois empregos para ajudar minha mãe que estava grávida de 5 meses e...

Janaína -Você é do Rio de Janeiro?

Marcela - Eu nasci em São Paulo, eu nasci na Vila Mariana, em São Paulo e uma coisa que eu acho engraçado é que cada ano escolar eu estudei em uma escola. O sexto ano, por exemplo, eu estudei em três escolas.. duas em São Paulo e uma no Rio de Janeiro. A escola que eu fiquei mais tempo foi no Newton, aqui em Osasco, que foi quando meu pai faleceu e parou aquele muda prá lá, muda prá cá e eu estudei três anos consecutivos.

Janaína -E acabou se formando aqui no Newton?

Marcela - Terminei aqui em Osasco, aqui no Newton, meu segundo grau.

Janaína - Você mora aqui em Osasco? Aqui perto da escola?

Marcela -Eu moro aqui no bairro, no Jardim Santo Antônio.

Janaína -Quanto tempo já?

Marcela -(hummm) Eu com 18 anos fiquei grávida e fui morar com o pai dos meus filhos. Morei durante 16 anos no bairro Jardim Turíbio, que é aqui em Osasco. E quando eu me separei eu vim morar aqui no Jardim Santo Antônio e já fazem 14 anos que eu moro aqui no jardim Santo Antônio.

Janaína -Você tem quantos filhos?

Marcela -Eu tenho 3 filhos, a mais velha tem 29, a do meio, 24 e o mais novo 21.

Janaína -E os netos?

Marcela -E tenho netos gêmeos, o Lucas e o Vitor, a coisa mais linda, eles vão fazer 7 anos agora em setembro. Vão fazer 7 anos...

Janaína -E agora pensando na sua família, em todo histórico e agora já entrando na questão do racismo, de ser uma mulher negra, você acha que facilita...você como uma mulher negra, vê coisas boas na sua vida, difíceis... como você se vê como uma mulher negra?

Marcela -Então é assim.... (hummm)... Eu tenho orgulho, claro, muito... e eu acredito que um fator que nem eu já conversei com outras pessoas, é a tonalidade da sua pele, eu sou uma mulher negra, mas existem pessoas com tonalidades de pele mais escura, quanto mais escuro, mais difícil... essa é uma grande verdade, né? As pessoas olham pra mim e dizem "Mas você não é muito escura" e digo "Por favor, pelo amor de Deus"... e eu dentro da minha família, onde eu tenho 10 irmãos, somente eu e meu irmão temos a pele mais escura, todo o resto da minha família tem a pele clara. Meu pai era negro, minha mãe também é negra, não vou dizer que ela não é, senão ela briga, mas ela tem uma pele muito clara. Ela é filha de uma mineira com um francês então ela nasceu com a pele muito clara e ela foi adotada por um casal branco italiano, daí meu Fachini (sobrenome) e ela com 16 anos de idade, ela... teve uma filha, onde ela teve um relacionamento com um homem muito negro, muito conhecido inclusive, e ela tem uma filha com ele.

Janaína -É??? Quem é?

(Marcela não autorizou a relatar esta parte da história, por não ser dela).

Marcela - E ela foi expulsa de casa (a mãe de Marcela)... porque o casal que a adotou não aceitava aquela relação de jeito nenhum..

Janaína -Nossa!...

Marcela -Pra você ver assim, depois de anos...ele era bem visto dentro do lar.... então, tudo depende da cor da sua pele e também influencia

se você tem ou não dinheiro, e o quanto você tem de educação, o quanto você estudou, conseguiu estudar, pra conseguir se defender do racismo e das injustiças que você passa, né?...

Janaína -Você já viveu alguma situação clara de racismo?

Marcela -Muito clara mesmo ... eu com 16... 15 para 16...quando eu perdi meu pai, eu procurando emprego, eu fui fazer uma entrevista de emprego no centro de São Paulo e hoje quando eu lembro disso, e olha que é uma coisa tão marcante, eu tinha 16 anos...hoje eu tenho 48 e aquilo não sai da minha cabeça, porquê não sai?... Porque não sai, não só pela situação mas porque eu não tive palavra ... é...não tinha educação...e não tive posicionamento para me defender, e eu estava em uma entrevista onde tinham 5 pessoas na sala, a pessoa que era o dono da empresa entrou, chamou a recepcionista e disse "Olha, aquela negrinha , não!" e eu escutei isso muito claramente, ela olhou pra mim, pediu desculpa e eu falei "Ele nem me entrevistou..." né ... então assim ...aquilo foi muito marcante. As outras pessoas eram de outras cores e eu não esqueço disso até hoje, passaram aí 32 anos, né?... foi assim, muito explícito...outras eu não percebo tanto explicitamente e até acho que é essa questão da tonalidade, quanto mais (escuro) mais agressivo o racismo que você sofre... eu acredito...

Janaína -Você acha, você considera importante a gente trabalhar com essas questões na escola?

Marcela -Eu acho muito importante, né? MInha filha trabalha isso dentro de casa com meus netos porque eu trabalhei isso com elas dentro de casa... com meus filhos dentro de casa...é.... tive uma mãe que defendia isso mas trabalhava muito sutilmente, acho até que a vida dela era muito corrida, muito filho, não tinha aquele, aquele foco... eu tive menos, tive menos filhos então me dediquei mais em eles se posicionarem, minha filha mais velha, a do meio, elas brigam... elas não aceitam de forma nenhuma, elas se posicionam, elas se entendem como mulheres negras...eu achei até que com meu filho foi mais difícil...ele tinha esse posicionamento quanto criança de não se ver...não é não se ver...é....muito novo, você falava assim...situações e ele falava "mas eu não sou negro"...né? não é que eu não sou, você é! Não

importa o tom da sua pele, você é negro...assim, assim... e aí você vai ensinando e isso é fundamental dentro de casa, porque se não for assim, se a criança não ver o pai e a mãe agindo e educando ela não vai entender.. porque as vezes você não precisa nem falar...você tem que ver as ações...né? a ação da pessoa, ela educa... mais do que simplesmente falar, né?

Janaína -Nossa Marcela, que história bem bonita...ficaria mais aqui para saber mais da sua trajetória...18 anos grávida...

Marcela -Escolhas, né? Assim, não vou dizer erradas, porque tenho uma filha maravilhosa, uma menina muito boa, muito educada, nem sei se fui eu quem deu tanta educação para ela, mas ela é extremamente educada...

Janaína -E o seu sonho de seguir no direito...

Marcela -Ele ficou para trás...assim... hoje em dia minhas filhas falam "Faz uma faculdade mãe"... Agora eu tenho que cuidar mais da saúde, porque você corre tanto... eu trabalhei, antes de entrar na escola, praticamente de segunda a segunda. Depois que eu saí da Ebraica, trabalhava de segunda a segunda, depois que eu entrei na escola, eu ainda fiquei uns 6 anos trabalhando de segunda a segundam. Eu saía de um emprego, vinha pra cá, ia pra minha casa, cuidava de 3 filhos e aí a saúde...degringolou né?... Eu não sinto disposição agora para continuar estudando..mas eu gostaria...

Janaína -Você tinha comentado que hoje você se apoia na religião, algo que te ajuda muito, né?

Marcela -Bastante...

Janaína -Fala um pouquinho...

Marcela -Não tive isso como criação, dentro de casa, minha família, vou dizer que era católica, mas ninguém frequentava igreja, nem igreja... nem o terreiro...nem templo,..não tinha "vamos rezar"... então assim, enquanto nova, frequentei bastante a igreja católica, tentando terminar a catequese, com 13 anos entrei na igreja Batista, e era fervorosa, dessas que batem na porta no final de semana querendo passar a palavra... eu adora... porque assim, eu acredito que eu tenho o dom de convencer as pessoas com a palavra, eu acreditava muito

nisso, eu... com 15, 16 anos ia em passeata...adorava isso ... .lutava pelos direitos, era uma coisa que eu gostava muito... aí você vai ficando mais velha e vê que você não consegue mudar o mundo em tudo, né? e aí você acaba aceitando... e eu entrei... não é essa a palavra... comecei a me dedicar e a aprender e estudar mais sobre a Umbanda de uns 3 anos 4 prá cá, e foi muito bom pra mim, é uma coisa que eu me identifico, vamos dizer assim...eu acredito que são minhas raízes... todo o negro tem que ser Umbandista?... Não! Cada um segue o que quer mas eu acho muito interessante... é uma religião por exemplo, que a outra religião tá errada, ou não presta... ela aceita, ela passa o Amor, quando não, outras religiões julgam a Umbanda, os orixás e a gente aceita... não tem briga, não vamos reclamar...então hoje, frequentando, estudando sobre a Umbanda acho muito interessante e me identifico muito e acho que todo o negro deveria pelo menos estudar,,, aprender...todo o negro tem que entender que não foi escravo, foi escravizado... foi tirado da terra dele, ela foi usurpado, violentado, nossas mulheres foram estupradas, foi....roubaram a nossa vida... e hoje muitas pessoas com a pele muito clara não conseguem entender que elas fazem parte disso tudo, eu acho importante entender de onde vem suas raízes e a Umbanda mostra isso, ela te ensina muito isso...Eu acho...

Janaína -Que lindo, Marcela ... vou terminando....

Elenice Aparecida dos Santos - Entrevista realizada em: 03/08/2021.

Janaína -Então vamos lá... só me fala seu nome...

Elenice -Meu nome...Meu nome é Elenice... nome completo?

Janaína -Sim

Elenice -Elenice Aparecida dos Santos, tenho 54 anos... sou daqui de Osasco, nasci aqui....primeiro morei no Califórnia, vim pra aqui, porque eu moro aqui no Jardim Santo Antônio, acho que tinha uns 2 anos de idade, então eu moro ali na Vila Prado tem mais de 50 anos...

Janaína -Aqui na escola, qual é a sua função?

Elenice -Aqui na escola eu sou inspetora de alunos, eu comecei como servente, na verdade, fiquei 2 anos como servente e agora sou inspetora de alunos vai fazer 10 anos...

Janaína -10 anos já?

Elenice -uhum, 10 anos...

Janaína -E você tem filhos? é casada?...

Elenice -Tenho um filho....não....eu tive dois relacionamentos mas nunca fui casada no papel, tá...tive dois maridos, o primeiro é o pai do meu filho que infelizmente faleceu. Depois de uns 7, 8 anos eu tive um outro relacionamento, fiquei acho que uns 10 anos mas faz já uns 12 anos que eu tô... acho que solteira, né?...

Janaína - Seu filho tem quantos anos?

Elenice -Meu filho tem 26 anos...

Janaína -E como é ser mãe de um rapaz negro,,, você tem alguns medos?...

Elenice -Sim...

Janaína -Você acha que existe essa relação de preconceito, racismo e ainda mais você como mãe solteira... E ainda tendo um filho homem... Quando é mulher a gente tem algumas preocupações, quando homem, temos outras preocupações...

Elenice -Sim, com certeza..

Janaína - Como é?

Elenice- Assim... você perguntou... medo, eu tenho... eu sempre converso com ele com relação a isso, porque não adianta falar que acabou o racismo, porque existem sim, a gente sofre muito preconceito, não só ele, como eu, a gente sofre em tudo quanto é lugar, sabe? em todo o lugar... mesmo que seja uma coisa assim... mascarada... mas a gente percebe sim... a gente percebe...

Janaína -E o medo dele sair na rua... andar de madrugada... não por conta só da violência, mas por ser abordado... por polícia...

Elenice -Por polícia sim... exatamente... mas sabe, graças a Deus ele não é um menino de balada, foi alguns anos atrás mas hoje ele é mais

tranquilo.. mas sabe, eu tenho muito medo dele ser abordado pela polícia pelo fato de você ser negro já é...

Janaína -Já é motivo...

Elenice -Já é motivo, né? Eu falo muito com ele... Antes de acontecer, procura sempre respeitar...eles.

Janaína -Já aconteceu?

Elenice -Não! Graças a Deus, não!

Janaína -E com você? Já aconteceu algum episódio de racismo, com vocês , que te marcou?

Elenice- Deixa eu ver... comigo, no caso, acho... alguns anos atrás aí, de eu entrar no mercado e o segurança ficar atrás de mim... mas já faz tempo isso...você percebe, né? por causa da cor da sua pele, que aquele cara tá ali atrás de você, te ... .perseguindo...vamos dizer...

Janaína -Olhando, né?

Elenice -Olhando... é...pra ver se você está roubando alguma coisa, né? Infelizmente isso acontece... comigo, graças a Deus, foi uma vez só....

Janaína - Que você percebeu, né?

Elenice - É , que eu percebi foi uma vez só...

Janaína - E aqui na escola? Você sente alguma diferença?

Elenice -Olha, aqui... eu nunca senti

Janaína - Da parte das crianças?

Elenice - Não, nem das crianças... sabia? Eu nunca, nunca percebi nada deles fazerem essa diferença pela cor da pele, nunca! Comigo isso nunca aconteceu comigo aqui não!

Janaína - Você acha importante trabalhar essas questões com as crianças?

Elenice -Ah, sim... Acho muito importante, elas tem que saber né, Jana... O que é o preconceito, como negro, pobre, né? Sofre preconceito... E o fato de você ser negro de uma classe social menos favorecida, piora tudo, acho que piora tudo... É isso, mas aqui, eu nunca observei não, viu?... Preconceito aqui com relação às crianças, não! Nunca mesmo...

Janaína - É mais tranquilo, né? A aceitação é mais tranquila, até porque acho que todos se enxergam como iguais, porque você mora na minha rua... e entre crianças é mais fácil trabalhar...

Elenice - É acho que é mais fácil, também..

Janaína -Até pra gente falar sobre esses assuntos.. e de religião? Você segue alguma?

Elenice -Eu sou bem eclética....rsrsr... Eu vou na igreja católica, na igreja evangélica, se *querer* ir na Umbanda, eu vou...Eu sou bem eclética, não sigo nenhuma religião... dizer que eu sou católica, sou evangélica, umbandista... Não... Não sou... Sou bem eclética em relação a isso... Meu filho frequentou a igreja católica, já foi também na igreja.... a igreja.....

Janaína - Evangélica?

Elenice - Evangélica... Hoje em dia ele está bem parado, não sei que religião ele (não consegui ouvir) rsrs, não sei...mas acho que é importante você acreditar em Deus... existe aí um ser maior e acho importante você acreditar..

Janaína - E com relação assim... a algo tradicional da cultura africana? Você tem alguma coisa na sua casa? Alguma.... comida?...

Elenice -Não.... Não, Jana, eu não tenho...nada... Não tenho mesmo...

Janaína - E seus pais? Seus pais eram aqui de Osasco, também?

Elenice -Meus pais eram...

Janaína -Sua mãe e seu pai também eram negros?

Elenice -Sim...minha mãe com a pele um pouco mais clara... mas sim... meu pai era negro...

Janaína - E o pai do Thiago era negro?

Elenice - O pai do Thiago é branco, era branco...

Janaína -Acho que é isso, Lê...

Valquíria Pereira de Rezende - Entrevista realizada em : 18/08/2021.

Janaína -Fala pra mim, Val, seu nome ... .seu nome inteiro, sua idade, se você não se incomodar...é ... .de onde você veio...é...se você é daqui, seus pais, seu você é casada, como é sua situação, quantos filhos você tem...

Valquíria -Eu me chamo Valquíria Pereira de Resende, sou daqui de São Paulo, sou Paulista, nasci na Freguesia do Ó, meu pai veio de Minas, minha mãe do Espírito Santo e eu sempre morei muitos anos na Freguesia depois vim para Osasco, não sou casada oficialmente, tive uma relação... como é que fala?...

Janaína -Casada..rsrsrs....juntou, casou rsrs...

Valquíria -É...rsrsrs, tive um relacionamento, né, desse relacionamento, tive 3 filhos ,fiquei com essa pessoa durante 24 anos, né...recentemente ele faleceu, e agora eu.... é só um resumo né Janaína? Você vai editar isso aí depois?

Janaína - (risos)

Valquíria -E eu tô aqui...né...agora tô trabalhando aqui...

Janaína -E aqui, qual é a sua função?

Valquíria -Aqui eu entrei como servente de escola, prestei concurso em 2014 e agora, hoje eu sou Inspetora de alunos...

Janaína -Ah...então você entrou como servente concursada...

Valquíria -Concursada.

Janaína -E depois você prestou de novo para oficial...

Valquíria -Não...para inspetor de alunos. E hoje eu exerço essa função..

Janaína- E você, sempre quis ser inspetora de alunos?

Valquíria -Sempre quis.

Janaína - Sempre quis?

Valquíria - Sempre quis.

Janaína -Não tinha outro desejo?

Valquíria -Não, na primeira oportunidade eu não pude porque não tinha a escolaridade adequada para exercer a função...aí eu pensei o seguinte.... vou entrar como servente, aí vou estudar, né, voltei para a escola para atingir a escolaridade necessária...

Janaína -Qual é?...2º grau?

Valquíria -É , 2º grau, eu só tinha até a oitava série, conclui o terceiro grau, prestei outro concurso e aqui estou, graças a Deus...rsrs

Janaína - E você sempre quis?

Valquíria -Sempre, desde criança... Desde criança...ser inspetora... tanto é que meu filho, assim que eu assumi o cargo de servente, ele fazia um

curso numa Ong lá no Jaguaré e ele sempre falava que eu era inspetora, mesmo sendo servente...aí ele falou assim... daí ó mãe... aí eu prestei o concurso, passei- agora você é... você é realmente uma inspetora de alunos.

Janaína - Ah... mas porque ele sempre falava que você era inspetora?

Valquíria -Ah, eu acho que ele tinha um certo preconceito, acho que ele não queria falar que eu era da limpeza, né.... aí... acho que também para me ajudar, né? Ai acho também que a força de vontade, a força do pensamento, me ajudou muito...

Janaína - Porque você falava pra ele que queria ser inspetora?

Valquíria -Isso... exatamente.

Janaína -Ah...e... seus pais, eram do Espírito Santo e de Minas...

Valquíria -Sim... meu pai era , ele era... trabalhava com obras, pedreiro e minha mãe, empregada doméstica.. é minha mãe é do Espírito Santo e meu pai de Minas...

Janaína -E você tem mais irmãos?

Valquíria - Tenho...tenho mais 3 irmãos...

Janaína - Que também estão aqui em Osasco?

Valquíria -Não...um é falecido, né, o Aguinaldo e a minha irmã mora aqui no Novo Horizonte, também é dona de casa e o meu irmão... eu nem sei a função do meu outro irmão, ele trabalha na prefeitura também, mexe com esses políticos aí...né...

Janaína - Ah...então você não tem contato?

Valquíria -Não, tenho contato mas eu não sei exatamente o que ele faz...ele mexe com política, apoia um , apoia outro, mas é assim, a vida dele é meio assim...meio indefinida, a profissão dele...

Janaína -Ah que bacana Val...E qual é a sua idade?

Valquíria -57

Janaína -57... falta muito para você se aposentar?

Valquíria - É, nem tanto, né? tô beirando os 60 já...

Janaína - É com 62?

Valquíria - É...é por aí...né?

Janaína - Você gosta de estar aqui na escola? Com as crianças?

Valquíria - Eu gosto!Gosto muito...

Janaína -Gostaria de ser professora?
Valquíria -Não! Eu gosto de cuidar.
Janaína -Gosta de cuidar...
Valquíria -Eu não tenho muita paciência para ensinar, não tenho...
Janaína -Eu te acho tão paciente...rsrs
Valquíria - (risos).
Janaína -Te acho tão calma, tão paciente...
Valquíria -Eu procuro dar o meu melhor...
Janaína -Tão tranquila com as crianças...
Valquíria -É, eu gosto das crianças, mas acho que para ensinar, não tenho dom não!... pra cuidar sim mas para ensinar, não...
Janaína -Que legal, Val... então agora vou perguntar para sua filha ... .deixa eu parar aqui, vou gravar separado.

Maristela Rezende Gomes dos Santos (filha da Valquíria) Entrevista realizada em : 18/08/2002.

Janaína - Agora vou falar com a filha da Val...
Valquíria interrompe e quer falar mais...
Valquíria -Ah, eu esqueci de falar que antes eu trabalhei como empregada doméstica, fui telefonista...
Janaína -Lá em São Paulo? Quando você morava na Mooca?
Valquíria -Não, na Freguesia...quando eu vim pra cá, Osasco, eu era criança, moro aqui há mais de...desde ...quando eu tive meus filhos, quando eu vim prá cá eu acho que eu tinha uns 18 anos...
Janaína -Então sua vida foi toda aqui?
Valquíria -Foi toda aqui...Trabalhei no Pão de Açúcar, trabalhei de empregada doméstica...
Janaína - O que dava pra fazer, você fazia?
Valquíria - É...exatamente, aqui é pau para qualquer obra...
Janaína -Mas quando você passou no concurso, você sentiu...
Valquíria -Ah, me senti mais valorizada.

Janaína -Ah! deixa eu perguntar...você já chegou a passar por alguma situação de preconceito?
Valquíria -Ah sim...várias, inclusive aqui...
Janaína -Aqui? Você pode contar?
Valquíria -Ah, eu gostaria de ainda não falar, isso ainda mexe um pouco comigo, e a pessoa ainda está aqui...
Janaína -Então espera aí, Val, eu não vou gravar...
(neste momento, paro a gravação e Val se sente mais à vontade e conta sobre o episódio de racismo que viveu na escola, não relato essa história em respeito a sua vontade)

Começo a entrevista com sua filha, Maristela que ouviu atentamente o que sua mãe, Valquíria, relatou.

Janaína - Pode falar seu nome, quantos anos você tem...
Maristela -Meu nome é Maristela Resende Gomes dos Santos, tenho 21 anos, moro em Osasco, nasci em Osasco, ...
Janaína - Sua mãe, seu pai...
Maristela -Minha mãe é a Valquiria, né? nome completo?
Janaína - Não precisa.
Maristela - Minha mãe Valquíria e meu pai, Vojerlam, meu pai já falecido...né...
Janaína -Sua profissão?
Maristela -Atualmente eu atuo como agente de organização escolar, funcionária pública, numa escola do Estado, é...devia ter falado outra coisa antes.... ah, eu não sei....
Janaína - Não...fica tranquila, fica tranquila... Você fez até o Ensino Médio?
Maristela -(risos encabulados) Isso, aos 17 anos terminei o Ensino médio e quando eu completei 18 anos eu prestei meu primeiro concurso no Estado e...consegui passar, né...e aí *exerci* o cargo em ...final de 2019, só que antes de exercer, assumir o cargo, já trabalhei em Shopping, como jovem aprendiz, é... em comércio também trabalhei....e também, ...atualmente eu estudo técnico em Nutrição...

Janaína -Ah, você faz técnico em Nutrição?
Maristela -Faço.
Janaína -Então, seu sonho é...
Maristela - Então, eu estou estudando, mas antes de prestar, de estudar o técnico, eu sempre achei essa área da Nutrição interessante,
né... só que aí eu procurei estudar, fazer o técnico para ter uma noção do que é estudado nessa área, para ter essa...se eu vou... vou seguir carreira nessa área...
Janaína -Ah... então você sonha em ... .continuar seus estudos....
Maristela -Sim...
Janaína -E está gostando? Ou está pensando em outra coisa?
Maristela -É...tô gostando... Tô gostando...e final do ano eu termino....
Janaína -Ah, já está quase terminando? ... Ah foi a distância? *(essa entrevista foi feita logo que retornamos do período de pandemia)*
Maristela -Foi...
Janaína -Ah, isso é ruim, né?
Maristela -É .. a gente acaba ficando num...um pouquinho desanimado, né?
Janaína -Ainda mais quando é técnico, né? que você tem que fazer...
Maristela -É... só a teoria é um pouco chato, né...acho que a prática faz a gente ter uma outra visão da área.
Janaína -Mas mesmo assim, você curtiu?
Maristela -Sim, estou curtindo...
Janaína -E você pensa em fazer uma faculdade?
Maristela -Penso...desde que esteja ...é....eu penso .... só que primeiro eu quero ter estabilidade e tudo mais...quero ficar bem financeiramente para poder pagar a faculdade...
Janaína -Você acha que você não pode entrar em uma faculdade pública?
Maristela -Ah...exige muito estudo...não sei...por enquanto estou muito confusa...
Janaína -Mas isso não passa pela sua cabeça? Ou passa?
Maristela -Passa....mas... eu ainda não tenho aquela.... não tenho tanta confiança assim....nos meus... na minha capacidade de passar em uma

pública...por ser difícil... eu acho muito difícil, mas... quando for o momento... né? então...

Janaína -Mas está dentro das suas expectativas, não está totalmente descartado?

Maristela -Não.

Janaína -Mesmo sendo difícil, você faria?

Maristela -É ... sim...

Janaína -E aí mesmo nessa área de Nutrição? de Gastronomia, essas coisas mais...

Maristela -Sim, é...Nutrição.....uma área que eu também acho interessante...Psicologia ... acho interessante.... ainda estou.....tô.....vou definir ainda o que eu quero...estou pensando...

Janaína -Tá pensando?

Maristela -É.

Janaína -E assim... não porque sua mãe está aqui, mas o que sua mãe representa para você?

Maristela -Ai, tudo né? é... tenho exemplo de.... de.... de ela ser guerreira... eu me inspiro em tudo o que ela passou, então tudo o que ela passa, eu.... essa força , essa força de vontade, então, eu me espelho nela... me inspiro nela...

Janaína -Ela que te dá um gás para continuar?

Maristela -Isso, ela é meu porto seguro...

Janaína -E com relação a alguma situação de racismo...você já viveu isso na pele?

Maristela -hummm...sim....sim.... indiscretamente, já, já...já vivi

Janaína -Discretamente, você já viveu?

Maristela -Sim, olhares... alguns tipos de olhares em comércio, tipo... ao entrar em um comércio e você ser vista, de forma um pouco, né.... diferente.....

Janaína -Você percebe esse diferente?

Maristela -Sim, percebo.

Janaína - E você acha que é por ser... mulher negra?

Maristela -Sim... com certeza!

Janaína- Na escola, você já teve algum episódio assim...entre os alunos?
Maristela -Não, não!
Janaína -(Me dirijo para Valquíria) Aqui também, entre as crianças?
Valquíria - Não entre as crianças, não... as crianças são uns amores.
Maristela - É ambiente de trabalho, até então, nunca tive, Graças a Deus... pelo que eu ouço, percebo, nunca senti nenhum tipo de preconceito...
Janaína -Legal! Adorei conhecer um pouquinho mais da sua história, poder conversar com você.

Camila Aparecida Costa Dantas - Entrevista realizada em: 24/08/2021.

Camila -Eu sou a Camila, tenho 29 anos, nasci em São Paulo, capital, meus pais... minha é paulistana, meu pai é osasquense, nascido na cidade de Osasco, nascido em casa (rsrs) na casa onde ele mora e...atualmente eu trabalho....
Janaína -Você faz o que hoje?
Camila -Eu trabalho como atendente de caixa
Janaína - No Sesc, né?
Camila -No Sesc, é uma empresa muito boa assim...é onde eu me vejo... em relação a hierarquia a gente consegue ter sonhos de crescer lá dentro... é uma empresa muito inclusiva... trouxe outros conhecimentos pra mim que eu não tive acesso na infância...como cultura, teatro, música... eu sou mãe, fui mãe aos 22 anos, sou mãe de gêmeos, hoje eles tem 6 anos...
Janaína -O que você acha importante do que você não teve, em relação a cultura, passar para eles..
Camila - Sim...hoje eu acho que é um dos meus principais objetivos trazer para os meus filhos o que eu não tive na infância e...em questão ao acesso, sabe? ... a educação.... eu tento trazer muito, muito, muito

mesmo educação , eu tento me inteirar sempre sobre os assuntos, quando meus filhos me questionam e eu não sei eu falo - vamos pesquisar? e pesquisamos juntos... isso faz muita diferença para mim... porque eu acho que foi isso que eu não tive lá atrás...sabe...

Janaína -Mas você acha que essa oportunidade veio da sua questão do trabalho ou de outras fontes?

Camila -Então, minha mãe, ela sempre foi muito presente, dentro das possibilidades, então ela acabava conversando muito comigo, sobre música.... então eu acabei conhecendo outros gostos musicais através da minha mãe... minha mãe gostava de Raul Seixas então eu era criança, e quase nenhuma criança gostava disso, então acabei conhecendo outros gostos musicais, acabei entendendo o que era arte...minha mãe sempre tentou se envolver muito com a gente assim, sabe...pra gente entender... mesmo agente não tendo acesso, ela tentava explicar sempre o que ela sabia...

Janaína -Vocês são quantos irmãos?

Camila -Nós somos em três irmãos eu sou a mais velha, somos em 2 mulheres e 1 menino.

Janaína -Quais as idades deles?

Camila -A minha irmã tem 24 e o meu irmão tem 21.

Janaína -Você falou que está estudando também.. você estuda o que?

Camila - Eu estudo engenharia de produção, estou no sexto semestre, foi bem desafiador voltar a estudar depois de virar mãe, né? Eu não... na verdade , eu sempre me imaginei estudando alguma coisa mas eu nunca consegui me encontrar no meio acadêmico... então o tempo que eu tive para ficar com meus filhos em casa...me fez dar uma repensada, uma estudada... eu já tentei outras vezes estudar também... eu comecei a fazer direito

Janaína -Começou?

Camila -Comecei.. só que eu interrompi porque na época eu não era bolsista... eu não sabia que existia programa.. de inclusão... como ENEM, PROUNI...então eu saí da escola sem saber que eu poderia fazer uma faculdade através de algum programa de inclusão, então eu saí sabendo que eu precisaria trabalhar...e se eu quisesse estudar, teria que

pagar uma faculdade, então a minha primeira tentativa foi um pouco frustrante porque eu estudava e eu trabalhava também...
trabalhava em uma empresa.. Trabalhei em shopping também, né... Então era uma escala assim... de uma jornada de trabalho bem puxada e era de domingo a domingo, uma folga na semana, então eu achei que aquilo não era pra mim, estudar não era pra mim, e aí eu só continuei trabalhando porque aí eu ajudava minha mãe, em casa, meus pais se separaram quando eu tinha 15 anos, e aí aos 17 quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a ajudar minha mãe em casa também, então achei... teve uma fase da minha vida que eu achei que eu não iria mais eu nem pensava em qual curso fazer, estudar.

Janaína -Você tentou essa primeira vez...depois...

Camila -Depois eu não tentei mais...eu só continuei trabalhando, e aí ...eu comecei a trabalhar depois eu comecei a namorar, que é meu atual marido e aí a gente trabalhando, ele estava estudando na época, ele já fazia uma faculdade, aí eu comecei a pensar em estudar novamente... aí eu tentei um outro curso, né? mas também era pago.. e aí eu acabei desistindo também...por que é difícil...

Janaína -Mas você chegou a entrar?

Camila -Eu ingressei, iniciei, cursei um semestre.. porque eu não conseguia pagar a faculdade e trabalhar, e aí acabei desistindo..

Janaína -Você ainda não tinha seus filhos?

Camila -Ainda não tinha os meus filhos e aí em 2014 eu engravidei e aí foi um boomm, né? Eu tinha 21 anos quando engravidei... quando virei mãe tinha 22 anos...

Janaína -E quando você ficou sabendo que eram dois?

Camila -(rsrsr) Aí quando fiquei sabendo que eram dois... foi triste, né? ... porque foi um choque assim prá mim...

Janaína -Mas você teve o apoio do pai? (das crianças).

Camila -Eu tenho até hoje apoio do pai deles... nós estamos juntos ainda então a gente acabou vivendo juntos todos esses momentos, sabe...mas foi bem assustador...porque além de estar grávida, não saber como você vai amparar uma criança...é...eram 2, Né?... Foi mais assustador ainda...mas acho que depois do quarto mês... a gente... eles

não foram planejados mas foram bem-vindos...sabe... a gente ficou na expectativa... de recebê-los... eles nasceram...foi bem difícil cuidar de dois filhos, porque eu acabei vivendo essa experiência sozinha , na maior parte do tempo....

Janaína -Aí você estava desempregada?

Camila -Eu me mantive empregada até o quinto mês de vida deles... depois eu não sabia como deixar aqueles dois na creche... eu falei... eles precisam de mim, né ... .aí eu pedi a conta no meu emprego, eu tentei fazer um acordo mas não foi possível...

Janaína -Mas foi você que optou por ficar...

Camila -Eu optei por ficar em casa e meu marido estava fazendo estágio na área dele...ele falou ... vou me desdobrar.. e ele saía mesmo as 5:30 da manhã e voltava as 23:30 da noite.

Janaína -Nesse sentido ele te apoiou?

Camila -Nesse sentido ele me apoiou muito, foi nós dois mesmo...sim... na nossa família... a família dele mora longe.. mora no estado de São Paulo, mas não mora perto da nossa casa... e minha mãe trabalha, né...então minha mãe ainda tem uma vida...

Janaína -E seu pai? Você não tem contato?

Camila -Eu tenho contato...com meu pai mas ele não é tão presente quanto minha mãe, sabe?

Janaína -E seu marido terminou a faculdade?

Camila -Ele terminou depois de anos a faculdade porque não foi fácil fazer a faculdade com os filhos... ele era , ele pagava a faculdade, ele pagou o curso dele.

Janaína -O que ele fez?

Camila -Ele fez educação física.. ele se encontrou na área dele.. eu sempre apoiei muito ele, agora deu tudo certo...mas foram anos aí... trancando faculdade...buscando emprego, oportunidade, tentando conciliar trabalho e cuidado com os filhos, escola,

Janaína -E aí você ... depois de quanto tempo você voltou a estudar? Depois que sua vida já estava...

Camila -Aí eu... coloquei os meninos em uma creche quando eles tinham quase 3 anos... fiquei 3 anos com eles...

Janaína -Ficou 3 anos só com eles?

Camila -Fiquei (rsrs) foi bem cansativo, mas ficando em casa, foi tudo novo pra mim... aí eu prestei um concurso para tentar entrar no Sesc e aí eu consegui, e aí que eu comecei a trabalhar eu queria estudar, e aí depois de muitos anos que eu saí da escola, eu comecei a procurar programa de inclusão, oportunidade de bolsa.. e aí eu fiz o ENEM e consegui uma boa nota e me inscrevi para o curso de engenharia de produção e aí eu consegui a oportunidade de uma bolsa de estudo.

Janaína -Então você não paga?

Camila -Então, eu não pago, eu sou aluna de uma instituição federal aqui de São Paulo.. e aí... tudo começou a fluir.. com muita dificuldade fluiu.

Janaína -Na UNIFESP?

Camila -Eu faço no IFE , no Insituto Federal de São Paulo

Janaína -Aqui em Osasco?

Camila -Não , o meu campus fica em São Paulo e no campus Pirituba, porque a gente tem laboratório no campus de São Paulo e aqui no campus de Pirituba a gente tem as aulas..

Janaína - E engenharia de produção era o que você queria?

Camila -E aí eu acabei me encontrando porque eu gostava de um pouco de tudo...é...eu entrei no Sesc e vi aquele leque de oportunidades para uma educação mais informal...e eu gostei daquilo, eu gostei de trabalhar com pessoas, de ver como funcionava essa linha de produção dentro do Sesc e eu busquei mais informações sobre o curso, a princípio quando eu prestei vestibular, eu não tinha ideia do que eu iria fazer... como eu já tinha feito direito... a minha segunda tentativa foi gestão de recursos humanos, eu pesquisei um pouco sobre a área de engenharia e era a área que eu mais me familiarizava quando eu fiz o ensino médio, a área de exatas, quando eu fiz o ensino médio, mas eu gostava de um pouco de tudo assim...eu acho que eu sou muito humano gostando de algumas coisas de exatas... mas agora... assim... quando a gente pesquisa o curso, e quando a gente começa e vê...

Janaína -Você se encontrou?

Camila -Eu me identifico muito... Hoje eu já me vejo em uma das ramificações da engenharia.

Janaína -Como você se vê?

Camila -Na área da engenharia do trabalho... ela é a que eu gostei bastante assim, sabe de conhecer no curso... trabalha assim essa questão do relacionamento entre humanos, sistemas e máquinas, trabalha com a questão da saúde do trabalhador, a questão ergonômica, os melhores sistemas implantados na empresa para o melhor desenvolvimento do ser humano... então eu consegui juntar um pouquinho de tudo que eu gosto alí no curso.

Janaína -Daqui uns 5 anos... você se vê formada...como?

Camila -Daqui uns 3 anos eu me vejo formada, atuando, trabalhando na área da engenharia do trabalho é... eu me vejo fazendo algumas diferenças nas empresas...criando novos planos... eu me vejo fazendo modificações pra melhor sabe...é assim que eu me vejo...eu me vejo com melhores oportunidades profissionais, eu me vejo proporcionando melhores oportunidades educacionais para meus filhos, e pra minha família também... eu acho que se agente consegue evoluir nossos familiares evoluem junto com a gente também, sabe...

Janaína - E você sonhou sempre com isso ou você ainda tem algum sonho que pretende realizar ou pensa em realizar?

Camila -Eu costumo falar que eu nunca tive um sonho.. exatamente porque eu nunca entendia que alguns sonhos eram possíveis pra mim... e aí depois que eu comecei a me encontrar numa área, numa profissão, depois que eu tive acesso a educação mesmo, hoje em dia eu consigo sonhar com muita coisa, eu consigo sonhar não só na engenharia mas eu consigo sonhar que eu posso ajudar, criando algum projeto.. tendo empresas, eu consigo pensar também nos meus filhos fazendo o que eles gostam, apresentando outras coisas pra eles...

Janaína -Você como mãe, de dois meninos negros, você tem medo?

Camila -Muito... até me emociono..(choro).

Janaína -(eu a acalmo).

Camila -Tenho muito medo..é...primeiro a gente quer ser eterna, depois que vira mãe, acho que toda a mãe... e ...o fato deles serem negros nessa sociedade, eu não me sinto amparada sabe...nenhum lugar assim...e as vezes a gente fala assim que é no nosso país, mas não é...eu tento acompanhar um pouquinho as notícias de vários países e eu não vejo o preto sendo respeitado, sendo considerado ser humano então eu super me preocupo com o futuro dos meus filhos, eu me preocupo muito com o meu mas principalmente com o deles, depois que eu virei mãe eu acho que os sonhos que eu acabei construindo é para o futuro deles também e eu me preocupo muito, muito mesmo com o futuro deles acho que cada esforço vale assim por eles, eles mudaram a minha vida, sabe...de verdade... mas eles me preocupam muito... eu quero estar presente a todo o momento, eu quero estar presente para levar eles na escola, pra buscar, saber como foi o dia deles, eu queria poder proporcionar muitas coisas pra eles... eles gostam de muitas coisas né.. e a gente só tem a possibilidade de mandar pra escola... é dificil ter acesso sabe...

Janaína - E você já vivenciou uma questão , uma situação de racismo?

Camila - Sim.... muitas a gente vivencia até hoje... no meu ambiente de trabalho mesmo sendo um ambiente muito bom, inclusivo, é... já passei por tantas assim... mas um exemplo é...uma vez um homem, eu atendi um dos clientes que estava no Sesc, ele era um senhor branco, de aproximadamente 50 anos e meu cabelo estava solto, como é naturalmente, e aí ele fez assim...como entra água? pra mim... aí eu não entendi... ele falou como passa água aí ... .aí eu fiquei sem reação na hora, porque dificilmente a gente espera isso ainda mais dentro da instituição que eu trabalho mas existe e aí, eu entendo que a culpa não é da instituição sabe...

Janaína -A gente nunca espera...

Camila –A gente nunca espera, no meio do meu expediente, aquilo me deixou um pouco abalada, sabe... deixa a gente mais forte para as próximas situações mas, é muito curioso sabe, essas perguntas... da onde vem... qual é a intenção, sabe?

Janaína - E em ambiente escolar? Você chegou a vivenciar?

Camila- Sim... no ensino fundamental inteiro eu... me apelidaram de fuscão preto, tição, coisas que eu nem sabia o significado.

Janaína -Mas te magoavam?

Camila -Sim... muito... porque eu entendia que aquilo era alguma ofensa sabe...e aí quando eu falava para minha mãe ela falava para eu não ligar, que eu era linda, então eu acho que na infância eu acabei não sentindo tanto quanto eu sinto hoje, quando eu entro em algum estabelecimento, como eu sou tratada.

Janaína -Você acha que você é vista diferente?

Camila -Eu sou, sou vista de uma maneira bem pejorativa sabe...

Janaína -E com os seus filhos? Junto com eles?

Camila -Olha com meus filhos Eu já sou muito seguida, nos estabelecimentos... quando estou com meus filhos também, acontece muito em supermercado e não que eu fique olhando se tem alguém me seguindo mas é que você começa a ver muitas vezes o rosto daquele segurança sabe.. passado por você.. eu já vi também gente esbarrando nos meus filhos e eles pedirem desculpa pra pessoa sabe... então é bem estranho.. não é só uma falta de educação.

Janaína -Eles estão no primeiro ano, eles nunca chegaram em casa contando alguma coisa desse tipo que você escutava quando você era criança?

Camila -Não, não... graças a Deus não, mas eles estudaram no berçário, no pré e eles eram as duas únicas crianças negras...

Janaína -Era particular?

Camila -Eram os dois únicos meninos negros da escola...sabe... era um ensino particular e que eu só proporcionei porque a empresa contribuía sabe.. acabava me reembolsando, então eu via alí que eles se sentiam deslocados, eles falavam: Ah ! Porque meu amigo tem olho azul, eles sempre se deparavam com qualquer outro amiguinho mas nenhum parecido com eles sabe...

Janaína -E quando isso chega na sua casa? Como você e seu marido, sua mãe...

Camila -Chega muito mais em mim do que qualquer outra pessoa... essas perguntas né? eles acabam perguntando tudo pra mim e aí eu

tenho que explicar que nós somos diferentes, nós somos seres humanos, somos todos iguais ao mesmo tempo... e aí eles me perguntam porque as pessoas são diferentes e ... eu vou mesmo a fundo com o Victor e o Lucas, tento explicar mesmo, de uma maneira mais científica, assim dizendo que nós somos semelhantes aos nossos antepassados, então o amiguinho dele, que ele falou, ele tem o olho azul e eu não? eu falo que a gente tem uma genética, tem um pouquinho do papai e um pouquinho da mamãe e o amiguinho dele tem um pouquinho do papai e da mamãe dele então eu tento.. eu sei que eles não vão entender tudo, eu tento explicar de uma maneira mais lúdica, mas tento explicar também que isso é um fator do ser humano sabe...que todos nós somos seres humanos.. então eu tento explicar mais ou menos assim para eles, que todos nós somos humanos e aí somos semelhantes aos nossos pais, nossos avós e aí fica um pouquinho mais esclarecedor na cabeça deles. Mas eles entendem, eles perguntam, agora eles estavam estudando a história do Brasil, aqui já na escola, e eles perguntaram muito, porque os pretos foram escravos? Então eles estão mais nessa fase de perguntar pra qualquer pessoa preta se ela é brasileira... ele é brasileiro mamãe? Se eu conhecer a pessoa, eu falo...ele é brasleiro...eles tem um tio que é africano, é da Tanzânia, e eles perguntam tudo... porque você veio morar aqui? E pergunta.. e tenho amigas que tem a pele branca... ela é branca mamãe? Ela é meu filho...Ah... e eles ficam muito curiosos.. eles não conseguem entender a diferença porque ela não existe né? ...

Janaína -A gente que constrói né?

Camila -Aí eles não entendem porque a pessoa tem esse nome de branco e preto... aí eu tento sempre explicar que nós puxamos o papai, a mamãe...o vovô, a vovó...e agora tá entrando a história do Brasil porque os brancos.. eles entendem já que os brancos eram europeus, então eles bem... questionadores...eles perguntam onde estão os índios? Então é bem legal ver que eles se interessam pela história deles, mas ainda é bem confuso na cabecinha deles...sabe...e eu acho que um pouco mais disso nas escolas seria muito bom.

Janaína -Explicar um pouquinho de cada um... não só do branco europeu... até porque não é só ali que a gente se encontra.
Camila -E aí acho que ficaria mais fácil tentar explicar pra eles, sabe...
Janaína -O trabalho da escola é fundamental também né?
Camila - Acho que é a educação mesmo, né?
(agradecimentos).

Cláudia Cristina Gonçalves - Entrevista realizada em: 01/09/2021.

Janaína -Eu queria que você falasse seu nome inteiro, um pouquinho assim de você, seu nome inteiro, sua idade, se você não se importar... é.... de onde você é... se é daqui de Osasco mesmo ou de outro lugar, quantos filhos, como é um pouquinho da sua vida...
Pode falar... pode falar...
Cláudia -É... eu me chamo Cláudia Cristina Goncalves, é... tenho 47 anos, é... tenho seis filhos, a mais velha tem 31 e o mais novo tem 13...
Janaína -Que é o que estudou aqui, né?
Cláudia -É.
Janaína -O último que saiu, né?
Cláudia -É. E eu sou de Santos, São Paulo.
Janaína -Ah, você é de Santos?
Cláudia - É.. sou...
Janaína -Ah! Que legal!
Cláudia -Por isso que eu não gosto de ficar muito tempo aqui, gosto muito de ir prá lá.
Janaína -Mas você tem parentes lá ainda?
Cláudia -Não, não... eu costumo ir... mais aí aluga casa, volta...
Janaína -Ah!
Cláudia -Aí pego os filhos e vou...
Janaína -Aí você nasceu lá...
Cláudia -Nasci lá e acabei vindo pra cá.

Janaina -Pequena?
Cláudia -Com 10 anos
Janaína - 10 anos? Ah, então você tem 10 anos de praia?
Cláudia -(risos) É...
Janaína -E seus filhos todos são daqui? Todos nasceram aqui?
Cláudia -É, todos são daqui de Osasco. É isso... eu tenho um companheiro, não sou casada, né... mas tenho um companheiro, e...ele tem 57 anos... né....
Janaína -E você já sofreu algum episódio de racismo? Por exemplo... aqui na escola, ou fora da escola, alguma situação que você se sentiu constrangida por acreditar que a pessoa fez isso por conta da sua cor...
Cláudia -Já... já aconteceu, não na escola...
Janaína -Aqui não?
Cláudia -Não, aqui não. Já aconteceu dentro de um ônibus, de uma pessoa se afastar.. o ônibus cheio...e a pessoa se afastar de mim e vagou o lugar do meu lado... eu sentei, né? Eu sentei e ai vagou um lugar que estava do meu lado e a pessoa não quis sentar, e aí as pessoas ofereciam e aí ela fez um sinal na pele pra pessoa que estava do lado e na hora eu olhei e vi, né? E ela olhava pra mim com uma cara de nojo.. aí foi o que me deixou desconfortável, fiquei assim, meio que com aquele nozinho na garganta, com vontade de chorar mas, não fiz nada, virei pro canto e pessoa passou pra trás e na hora o ônibus estava cheio e acabou que ela ficou assim e por ela ter uma certa idade as pessoas começaram a insistir pra ela sentar, né? E ela preferiu não sentar, não sentar...
Janaína -E você é mãe de meninos pretos, né?
Cláudia -É , sim 4 meninos , 2 meninas
Janaína -E você tem algum receio... por serem rapazes e moças negras que vão enfrentar essas questões por aí também... ou já enfrentaram...
Cláudia -Sim, medo a gente sempre tem , né? Porque são meus filhos e tenho medo assim no geral do que em qualquer outra situação, né? É...eu tenho medo, tenho medo... mas tô sempre assim, falando,

instruindo, eu tenho uma filha que ela é meio explosiva, fala alguma coisa e eu falo para manter a calma, sabe, não perde a sua razão, porque na hora que acontece já é chamada uma certa atenção, então não precisa de mais atenção ainda e .. nisso... estou sempre mostrando coisas que acontecem, uma reportagem, ah! olha o que aconteceu, olha gente... olha, sabe? Para elas estarem sempre atentas.. mas no mais, a mais velha já está com duas filhas então ela já conversa bastante... e ... é isso...mas fazer o quê?...

Janaína -E você tem alguma referência de mulher negra que você admira, que você gosta? Que você segue? Alguém famoso ou não, alguém da sua família? Que te dá um... que te é um espelho?

Cláudia -Que me estimula?

Janaína -Isso...

Cláudia -É..famoso não! Minha mãe. Minha mãe é super, super calma, é... minha mãe e minha irmã mais velha, a Ducilene, eu acho ela bem cabeça, ela tem sempre as coisas certas pra falar, tá sempre correndo, todas... nós somos em cinco irmãs, então todas quando tem sempre uma coisa assim... parece até que ela é o médico da família - Ô Dulce, eu tô assim, assim... e ela sabe tudo...É , elas duas, de artista, não! Eu olho assim, mas nada não!

Janaína -Quem faz diferença na sua vida é sua mãe e sua irmã?

Cláudia - É... são elas...

Janaína -Ah! Legal Cláudia, obrigada.

Josiane Pereira Andrade (Dandara) - Entrevista realizada em: 02/09/2021.

Janaína - Seu nome inteiro. Se você não se incomodar, sua idade. De onde você é... seus pais... um pouquinho assim dessa sua história.

Dandara - Bom, meu nome é Josiane Pereira Andrade, é um nome de casado, meu nome de solteiro é Josiane Pereira Pinto, né? Eu fiz essa mudança porque existia preconceitos quando era mais nova. Eu não me aceitava a questão do se aceitarem esse sobrenome. Enfim,

quando eu casei, eu troquei. Bom, eu sou paulistana, né? Do estado de São Paulo.

Janaína - Que cidade?

Dandara - De São Paulo mesmo. Do estado, né? Os meus pais são baianos, a minha mãe é da roça, né? Próximo de Vitória da Conquista em Barra do Choça. E... e o meu pai, ele é de Rui Barbosa, Bahia também, eu só num num sei dizer as cidades vizinhas. O meu pai, eles vieram... os meus pais, eles vieram muito novos pra cá. Minha mãe chegou mais ou menos com três anos de idade, meu pai eu não sei dizer.... o meu, a minha avó ainda é baiana, mas eu acredito que seja da mesma região, ela ainda mora lá, o meu bisavô é vivo, noventa e três aninhos.

Janaína - Estão lá na Bahia?

Dandara - Tão lá na Bahia e lá eles ficaram, eles vieram, passaram um tempo em São Paulo, adquiriram algumas coisas até certamente um valor, construir um terreninho deles e lá eles moram até hoje. A minha mãe tem sete anos que ela é falecida, mas o meu pai é vivo, é baiano e continua em São Paulo. Tenho seis irmãos ... eu sou aí, a do meio, tenho o meu irmão mais velho de trinta e sete, minha irmã, eita meu Deus, vinte e nove eu tenho vinte e sete, o meu irmão que me acompanha vai fazer vinte e seis e tem os gêmeos que é vinte e quatro.

Janaína - Nossa, né?

Dandara - Então é uma turminha assim.

Janaína - Os caçulas... Eu sou gêmea também!

Dandara - Que legal! E a questão da educação comigo ela começou lá atrás... Quando eu fui pra escola até mesmo a questão da capoeira eu comecei eu tinha oito anos de idade. Com oito anos de idade eu conheci a capoeira eu me apaixonei por ela. E daí em diante eu fui, fiz um pouquinho, parava porque a a vida né? O universo não não
nos mostra outras coisas. E aí de lá pra cá eu tomei outros rumos, fui pro handobol, fui pro futebol, num deu certo e aí eu voltei pra capoeira. Hoje, né? Estou cursando a educação física, licenciatura no EAD... e tem o trabalho nesse projeto aqui em Osasco nas unidades

escolares no município que eu super adoro, super me envolve me retrata a minha infância, eu vejo a realidade dos alunos e
eu me vejo ali. Comunidade... lembrando que em São Paulo eu nasci dentro da comunidade chamada Paraisópolis que é a segunda maior comunidade do estado e ali eu nasci e fui criada, fiquei até os meus vinte e quatro anos até que eu fui morar com meu esposo e construir a minha família. E ali eu participo de um projeto no Instituto PROF... que depois que eu aprendi a capoeira na escola, que eu conheci a capoeira na escola foi trazendo pra comunidade e lá eu sou aluna até hoje né? Onde eu também faço um trabalho voluntário e tem dez anos de projeto mais ou menos, um pouquinho a mais...

Janaína - Lá em Paraisópolis?

Dandara - Lá em Paraisópolis.

Janaína - Aqui em Osasco, você está quanto tempo?

Dandara - Tô aqui em Osasco, eu tô há três anos e seis meses, mais ou menos, foi quando eu conheci o meu contra-mestre de capoeira no projeto... E aí ele me trouxe pra cá, né? No projeto ele trabalhava, ele ia sair, ele me indicou pra cobrir ele.

Janaína - Sim sim.

Dandara - E aí eu consegui entrar nesse projeto, que hoje a gente se encontra dentro das unidades escolares fazendo um trabalho incrível né? Então como como eu falei eu me vejo quando eu era pequena eu não tinha oportunidade. E hoje eu tenho né? E aí eu realizo o meu sonho tentando realizar o sonho deles. Isso pra mim é incrível.

Janaína - Ai que máximo! Olha , são aquelas histórias que a gente quer ouvir e que dão certo né?

Dandara - Sim, e aí a gente...

Janaína - Mas assim... é tudo projeto social né?

Dandara - Sim... eu vim...

Janaína - E você trabalha até hoje?

Dandara - Sim. Até hoje eu trabalho dentro da comunidade nesse instituto PROF e eu sou voluntária da capoeira, e assim , eu também dou um suporte quando um professor de esporte, por exemplo, da recreação, que lá também tem diversas modalidades. E aí, o professor,

quando ele precisa, né, se ausentar, eles me comunicam, pergunta se eu posso cobrir, pra não ter que dispensar as crianças e eu aceito. Às vezes eu tenho que estar lá oito horas da manhã né? E hoje eu também tenho um bebê de dois anos e seis meses, deixo ele com o pai e converso, falo, não vou lá, não vou deixar as crianças sem aula. Né? Então eu tenho essa empatia né? E não falar... não é um dia que vai fazer diferença na vida deles. Um dia que não tiveram, ou um dia que poderia não ter, mas vai ter e aí eu vejo isso como uma oportunidade pra eles, então eu sempre topo, dou um jeitinho, a gente se vira.

Janaína - Você tem um um menininho?

Dandara - Tenho, tenho um bebê de dois anos e seis meses, o João Guilherme, né? Que é fruto desse casamento que tem aí, entre namoro e casamento, dez anos... temos dez anos juntos, agora dezoito de fevereiro.

Janaína - Ai que bacana!

Dandara - Ele tá nessa empreitada junto, ele não tem nada a ver com a questão da educação. O meu esposo, ele tem uma outra profissão. Ele não se identificou com a capoeira, mas eu sou resistente.

Janaína - Mas ele te apoia?

Dandara - Me apoia, me leva pra roda junto com o bebê de carro quando eu não não tenho a flexibilidade de ir sozinha, quando eu não tinha o meu veículo, moto né ? Ele ficava com a criança. Ele levava a gente, ia todo mundo junto,ou às vezes não casa com a folga dele ,e a gente vai.

Janaína - Você falou que a capoeira, você começou com oito anos. Mais ou menos oito anos de idade, né? Nesse projeto social. E você se identificou?

Dandara - Eu comecei na escola, aí depois foi pra esse projeto social. Na escola também foi com o meu irmão de criação, que minha mãe antigamente os nossos pais criavam outros filhos né? E aí era o meu irmão de criação, que ele também veio a falecer, né? No mesmo período em que minha mãe, questão de um dia de diferença.

Janaína - Nossa!

Dandara - É! ... E eu aprendi com ele, as vezes eu não queria, não estava disposta e ele via essa diferença...ele insistia em mim, ia lá , me acordava, dizia: você vai..., me arrastava, me levava no colo, dormindo, mas ele me levava... e ele acreditou em mim... sou grata à ele por isso, onde quer que ele se encontra agora, e eu tô aqui...

Janaína - Ele era seu irmão de criação... mas ele era...

Dandara - Ele era filho de uma comadre da minha mãe... e ela trabalhava, minha mãe cuidava dele e a gente chamava de irmão, irmão, irmão...

Janaína - E ele que foi meio...

Dandara - Isso... meio que a história dele, onde ele aprendeu a capoeira, não sei dizer, mas sei que foi na escola, na época da adolescência, não sei dizer o local específico...onde foi... mas sei que foi na escola...a raiz da história dele eu não sei... mas ele foi repassando, até meu irmão mais velho, diz isso aí mesmo...ele insistia em mim, e continua, ele insiste porque eu sou o xodó dele... sou até hoje....o xodó do meu irmão mais velho, então ele me arrastava pra tudo quanto é lugar que ele ia, e aí ele era o responsável por mim, porque minha mãe trabalhava, meu pai trabalhava e ele que cuidava da gente, os mais velhos que cuidavam dos mais novos, então... assim a gente foi... aí meu irmão faleceu, meu irmão de criação, o mais velho desistiu da capoeira e eu tô aqui...

Janaína - Você é a resistência! rs

Dandara - Eu sou a resistência da minha família...

Janaína - E me diz uma coisa, você tem alguma referência de mulher negra na sua vida que ... você falou do seu irmão...

Dandara - Assim, voltado pro esporte, pra luta que eu pratico, não..

Janaína - Pra sua vida...

Dandara - Mas assim...de vida... é minha mãe... muito trabalhadora, sensível, ela fez tudo que pode,até o último dia de vida dela, enquanto ela pôde se comunicar com a gente, e quando ela não pôde mais, o olhar dela falava... e eu lembro que na fase da adolescência, a gente acaba conhecendo outros mundos, outras pessoas... e ela sempre me puxava, ela nunca deixava eu ir, ela falava: o caminho certo é esse...

tem dois caminhos...esse você vai conseguir tudo o que você quer, esse... vai ser difícil... então, eu sempre via ela trabalhando, cuidando de seis filhos, eu me recordo que era eu e meus três irmãos e os meus três irmãos que me acompanham de idade, a gente era os primeiros a chegar na creche e ficava com a caseira, porque antigamente, era a cuidadora, a gente ficava na creche até os cinco anos, se eu não me engano, e aí a gente era os primeiros a chegar, era um escadão imenso, ela ficava lá nos esperando e a gente era o último a sair.

Janaína - Sua mãe sempre.... ai.... que história....Ai! deixa eu falar uma coisa que não pode trazer memórias felizes... você já passou, vivenciou um episódio de racismo? Tanto dentro da escola, como fora...?

Dandara - Sim. Eu. Comigo mesma, né? Até mesmo de bullying , nas unidades escolares que eu estudei e na rua...uma vez eu... nossa, me lembro perfeitamente, eu não tinha nada a ver com a história, essa colega minha, arrumou uma confusão na escola, eu já estava no sexto, sétimo ano do fundamental II e a mãe dela me encontrou porque a minha semelhança era parecida com a menina que a filha dela arrumou confusão... e ela falou: Ah... sua neguinha.... e ela era branca dos olhos claros, que a família dela era descendente de alemão, ou do pessoal do sul, eles eram bem semelhantes assim... a esse gênero, né? Aí ela falou: Ah, é você né sua neguinha? Põe a mão na minha filha para você ver se eu não pego você por esse cabelo duro. Meu cabelo era um pouquinho mais crespo, hoje a gente tem todo esses tratamentos que ajuda, e aí o meu cabelo era armado, não sabia cuidar tanto, e eu tinha 11, 12 anos mais ou menos, e aí ela me esculachou, eu lembro perfeitamente...

Janaína - Te agredindo com as palavras?

Dandara - Ela só não me agrediu fisicamente por que eu era de menor, mas eu tinha certeza que se não tivessem outros adultos, porque eu lembro que a gente passava no meio de uma vila, e essa menina morava bem no comecinho, tinha muitos bares, lojinhas, então, tinha bastante gente... mas eu acredito que se ela tivesse num momento oportuno onde só tivesse criança, talvez uma puxada de cabelo, um

beliscão, alguma coisa ela teria feito comigo, até que a filha dela saiu de casa e falasse: mãe, não é ela! , já tinha me ferido toda por dentro, hoje eu sou madura pra contar, a gente se emociona, trava na garganta, mas foi bem doloroso... e eu não me aceitava, eu alisava meu cabelo, chapinha, escova, alisante... relaxamento... e hoje... adquiri minha identidade (mostra os cabelos com orgulho). Eu sou assim, e ninguém vai mudar o que eu sou.. mas aí também foi questão desse projeto que eu fiz alguns cursos profissionalizantes, onde aprendi sobre valores, lá tinha psicólogo, né? A questão da psicopedagogia, aí tinha uma outra moça que trabalhava com psiquiatria infantil, que era com crianças com transtornos e ela acabava ajudando a gente... E esse tom que eu tô falando aqui, eu aprendi.. porque eu falava lá em cima...questão de criação, né? Eu era marrenta, respondia todo mundo mal então através desse projeto social, né? Do instituto PROF , eles me moldaram o que sou hoje, eles me ensinaram a me aceitar, essa é a total realidade. E... aí se eu tô aqui hoje, sou grata à eles, à todos os profissionais que me ajudaram e me ajudou a superar essa questão de racismo quando eu, eu fui ferida.

Janaína- Esse projeto é só para a negritude?

Dandara - É pra comunidade..

Janaína - Eles trabalham em todos os sentidos?

Dandara - Sim. Eles trabalham para todos, a gente atinge.. se a gente parar para pensar em porcentagem, a gente atinge oitenta por cento, que são crianças negras, e até é legal, que você comentou comigo antes, que as crianças se inspiram na gente, elas chegam: Nossa professora Dandara, seu cabelo tá tão bonito, nossa professora, eu quero o cabelo igual ao seu... e eu falo: você vai ter, e melhor ainda, tem que ser melhor que o meu, não dá para ser igual...então assim, eu comecei a me aceitar porque eu tive retorno das crianças eu era, ainda sou a aluna mais velha desse projeto, sou inscrita lá como aluna de capoeira mais velha, que a minha graduação é de estagiária, na graduação da capoeira, e aí elas me tratam como professora, elas tem essa referência, quando eu chego, às vezes eu estou com um chinelo bonitinho, elas falam: Nossa, professora, sua sandalinha é tão

bonitinha, e eu digo: você vai ter uma igual e melhor... eu acabei me superando, e através desse projeto social a gente atinge bastante meninas negras, que não se aceitam e elas se vêem em mim também, se inspiram e eu fico sem palavras, eu só semeio o que foi semeado lá atrás em mim, que deu frutos e hoje eu estou semeando... a gente tenta fazer o nosso máximo.

Janaína - Nossa! Que lindo Dandara, sua história é muito linda, ficaria um tempão aqui te ouvindo...

Dandara - Nossa , e eu aprendi a falar, porque antes eu falava e chorava...

Janaína - Fale mais sobre o projeto?

Dandara - Bom, nesse meio aí de projetos de capoeira, eu passei por três grupos, o Arte em Movimento, que foi quando eu conheci (a capoeira) com meu irmão falecido, e eu não tinha apelido, meu cabelinho era lá em cima, eles me chamavam de macaco louco.

Janaína - Mas você gostava?

Dandara - Gostava nada, eu odiava aí depois...não me firmou apelido, nesse grupo, com meu irmão depois que ele faleceu não participei mais, e eu fui pro Aruan D né? Que é da zona leste, que era um mestre de lá, o mestre Zizo, que dava aula lá no Instituto PROF, e eu tinha ele como um paizão, ele era uma referência, eu tinha, eu tenho o meu pai hoje, só que o meu pai não era tão presente, então o professor de capoeira me abraçava, como filha né? Ele tinha aquele cuidado de filho com os alunos... e aí eu também não tinha apelido, e ele... quando ficava muito bravo com a gente, hoje a gente tem a flexibilidade no pedagógico da capoeira, e ele ficava muito irritado, às vezes, e ele não conseguia falar, aí.. como eu estava sempre por dentro, eu era o braço direito dele no projeto ia tá inteirada de tudo que eu falava eu vou ser professora de capoeira um dia, o meu sonho é ser mestre, vou ser, se Deus permitir...

Janaína - Vai!

Dandara - Vou. E aí ele bravo lá, bravo na roda explicando as coisas pra gente, falando de evento que a gente ia para outro espaço, ele não conseguia falar, eu completava as palavra pra ele, e ele ficou

muito mais irritado com isso. Ele falou: pronto, Trelelê! Fala demais! Trelelê! Aí pegou, trelê trelê trê. Aí minha mãe faleceu em dois mil e quatorze eu me afastei da capoeira e aí eu fiquei muito mal e ele foi na minha casa, tentou me resgatar e eu desinteressada né? Porque o meu mundo caiu. Minha mãe faleceu, né? E aí calhou dele também não participar mais do projeto, encerrou o contrato, foi pra uma outra comunidade e veio o meu contra - mestre hoje, Robinho. Né? E aí eu mandei mensagem pro professor que era o coordenador do projeto, professor Henrique. Aí eu mandei mensagem no Facebook ainda no mês, falei professor, eu posso voltar? Tem capoeira ainda? Ele falou um bom filho a casa sempre retorna. Aí aquilo, né? Eu fiquei sem palavras, fiquei emocionada, assim, alegre porque né? A gente fica com receio, isso eu já tava com meus dezessete, dezoito anos e aí eu fui, num dia de sábado, foi quando eu conheci o meu contra- mestre Robinho que também é um super paizão, hoje na capoeira assim, ele não é um mestre conhecido, não é um grupo grande, mas ele é uma referência bacana pra mim, aí ele falou pra mim: Qual é o seu apelido da capoeira? Aí, né? Eu falei... fala ou não fala, ... eu abaixei a cabeça e falei trê lê lê lê lê lê. Aí ele falou: trele lê? Mas que apelido é esse? Da onde veio? Trelelê não tem nada a ver com você. Um morenão desse? Não, tem que ter nome forte, que a capoeira precisa ter algo pra te empoderar. Eu falei, nossa, ele acredita em mim, né? Pensando como capoeira e o meu sonho de ser professora, ele disse: tá bom, quanto tempo precisa de capoeira? Aí ele me interrogou, falou que eu sabia, que eu não sabia, e já era ano de evento.. e quase no final do ano eu fui pegar a graduação e aí, fazendo aula, fiz, aí ele olhou pra mim, e falou: vem aqui! Aí eu fui,e ele Dandara... aí eu falei, Dandara, e eu não me recordava da história de Dandara mesmo na capoeira, assim eu não me lembrava, aí a gente teve um papo também, contei sobre a minha história de vida pra ele, aí ele falou Dandara. É Dandara, Dandara, a gente ficou, Dandara repetindo várias vezes. Aí eu falei, caramba meu, que legal. Aí vai descobrir a história de Dandara, Dandara era guerreira, mulher do Zumbi dos Palmares ,ajudou lá na libertação dos escravos, né? E e os dizeres sobre a história dela, quem

ela é, até a semelhança falam que, né? O rosto, o físico, parece um pouco, negro, do nariz larguinho, cabelo negro, né? O rosto, meio uma aparência assim ... de um de uma pessoa forte mesmo, e aí a sua história... e aí eu falei legal, e aí eu sou apaixonada e o as pessoas acham que o meu nome é Dandara porque eu não sei me apresentar mais como Josiane, a referência da personalidade forte ficou..E falar, oi prazer, sou fulano de tal, eu ai prazer ,Dandara aí ficou.

Janaína - Eu já salvei aqui, Dandara. Agora pra eu lembrar de Josiane vai ser difícil.

Dandara - E aí Dandora ficou minha referência. Eu me apresento pros pais, sou a professora Dandara do projeto,professora de capoeira, porém pais, é o meu apelido, meu nome é Josiane, mas as crianças vão me conhecer melhor como Dandara, porque o meu apelido é resumidamente eu explico, a questão do ganhar o apelido na capoeira. Eles super aceitam e eu amo também. Eu adoro, e aí a gente tem que carregar essa resistência do nome também, né? Dessa lealdade, que foi bem bacana. Eu sou super apaixonada.

Janaína - Desde quando que você é Dandara?

Dandara - Ah, em dois mil e dezessete, uns quatro anos mais ou menos. E aí vesti a camisa. Cabelo black, se tá armado, se tá bonita, a gente tá ali ó, resistência pura.

Janaína - Ai que lindo! Muito obrigada, Dandara.

